

Dom Bosco e as procissões eucarísticas

Um aspecto pouco conhecido, mas importante, do carisma de São João Bosco são as procissões eucarísticas. Para o santo dos jovens, a Eucaristia não era apenas uma devoção pessoal, mas uma ferramenta pedagógica e um testemunho público. Em uma Turim em transformação, Dom Bosco viu nas procissões uma oportunidade para fortalecer a fé dos jovens e anunciar Cristo nas ruas. A experiência salesiana, que se espalhou pelo mundo, mostra como a fé pode se encarnar na cultura e responder aos desafios sociais. Ainda hoje, vividas com autenticidade e abertura, essas procissões podem se tornar sinais proféticos de fé.

Quando se fala de São João Bosco (1815-1888), pensa-se imediatamente em seus oratórios populares, na paixão educativa pelos jovens e na família salesiana nascida de seu carisma. Menos conhecido, mas não menos decisivo, é o papel que a devoção eucarística – e em particular as procissões eucarísticas – teve em sua obra. Para Dom Bosco, a Eucaristia não era apenas o coração da vida interior; constituía também uma poderosa ferramenta pedagógica e um sinal público de renovação social em uma Turim em rápida transformação industrial. Revisitar a ligação entre o santo dos jovens e as procissões com o Santíssimo significa entrar em um laboratório pastoral onde liturgia, catequese, educação cívica e promoção humana se entrelaçam de maneira original e, por vezes, surpreendente.

As procissões eucarísticas no contexto do século XIX

Para compreender Dom Bosco, é preciso lembrar que o século XIX italiano viveu um intenso debate sobre o papel público da religião. Após a época napoleônica e o movimento do “Ressurgimento” [Unificação], as manifestações religiosas nas ruas das cidades não eram mais garantidas: em muitas regiões,

delineava-se um estado liberal que olhava com desconfiança qualquer expressão pública do catolicismo, temendo aglomerações em massa ou ressurgimentos “reacionários”. As procissões eucarísticas, no entanto, mantinham uma força simbólica muito poderosa: lembravam o senhorio de Cristo sobre toda a realidade e, ao mesmo tempo, faziam emergir uma Igreja popular, visível e encarnada nos bairros. Contra esse pano de fundo, destaca-se a obstinação de Dom Bosco, que nunca desistiu de acompanhar seus jovens no testemunho da fé fora dos muros do oratório, fossem as avenidas de Valdocco ou as áreas rurais ao redor.

Desde os anos de formação no seminário de Chieri, João Bosco desenvolveu uma sensibilidade eucarística de sabor “missionário”. As crônicas contam que ele frequentemente parava na capela, após as aulas, para longas orações diante do sacrário. Nas “Memórias do Oratório”, ele mesmo reconhece ter aprendido com seu diretor espiritual, o P. Cafasso, o valor de “fazer-se pão” para os outros: contemplar Jesus que se doa na Hóstia significava, para ele, aprender a lógica do amor gratuito. Essa linha atravessa toda a sua trajetória: “Mantenham-se amigos de Jesus sacramentado e Maria Auxiliadora”, repetia aos jovens, indicando a comunhão frequente e a adoração silenciosa como pilares de um caminho de santidade laical e cotidiana.

O oratório de Valdocco e as primeiras procissões internas

Nos primeiros anos da década de 1840, o oratório de Turim ainda não possuía uma igreja propriamente dita. As celebrações aconteciam em barracas de madeira ou pátios adaptados. Dom Bosco, no entanto, não desistiu de organizar pequenas procissões internas, quase “ensaios gerais” daquilo que se tornaria uma prática estável. Os jovens carregavam velas e estandartes, cantavam louvores marianos e, ao final, paravam ao redor de um altar improvisado para a bênção eucarística. Essas primeiras tentativas tinham uma função eminentemente pedagógica: acostumar os jovens a uma participação devota, mas

alegre, unindo disciplina e espontaneidade. Na Turim operária, onde muitas vezes a miséria desembocava em violência, desfilar ordenadamente com o lenço vermelho no pescoço já era um sinal contra a corrente: mostrava que a fé podia educar ao respeito por si mesmo e pelos outros.

Dom Bosco sabia muito bem que uma procissão não se improvisa: são necessários sinais, cantos, gestos que falem ao coração antes mesmo da mente. Por isso, ele cuidava pessoalmente da explicação dos símbolos. O baldaquino tornava-se a imagem da tenda da congregação, sinal da presença divina que acompanha o povo em caminhada. As flores espalhadas pelo percurso lembravam a beleza das virtudes cristãs que devem adornar a alma. Os lampiões, indispensáveis nas saídas noturnas, aludiam à luz da fé que ilumina as trevas do pecado. Cada elemento era objeto de uma pequena “pregação” convivencial no refeitório ou na recreação, de modo que a preparação logística se entrelaçasse com a catequese sistemática. O resultado? Para os jovens, a procissão não era um dever ritual, mas uma ocasião festiva carregada de significado.

Um dos aspectos mais característicos das procissões salesianas era a presença da banda formada pelos próprios alunos. Dom Bosco considerava a música um antídoto contra o ócio e, ao mesmo tempo, uma poderosa ferramenta de evangelização: “Uma marcha alegre bem executada – escrevia – atrai as pessoas como o ímã atrai o ferro”. A banda precedia o Santíssimo, alternando peças sacras com árias populares adaptadas com textos religiosos. Esse “diálogo” entre fé e cultura popular reduzia as distâncias com os transeuntes e criava ao redor da procissão uma aura de festa compartilhada. Não poucos cronistas leigos testemunharam ter sido “intrigados” por aquele grupo de jovens músicos disciplinados, tão diferente das bandas militares ou filarmônicas da época.

Procissões como resposta às crises sociais

A Turim do século XIX conheceu epidemias de cólera (1854 e 1865), greves, fomes e tensões anticlericais. Dom Bosco reagiu

frequentemente propondo procissões extraordinárias de reparação ou súplica. Durante a cólera de 1854, levou os jovens pelas ruas mais afetadas, recitando em voz alta as ladainhas pelos enfermos e distribuindo pão e remédios. Nesse momento nasceu a promessa – depois cumprida – de construir a igreja de Maria Auxiliadora: “Se Nossa Senhora salvar meus jovens, lhe erguerei um templo”. As autoridades civis, inicialmente contrárias a cortejos religiosos por medo de contágio, tiveram que reconhecer a eficácia da rede de assistência salesiana, alimentada espiritualmente justamente pelas procissões. A Eucaristia, levada entre os doentes, tornava-se assim um sinal tangível da compaixão cristã.

Ao contrário de certos modelos devocionais fechados nas sacristias, as procissões de Dom Bosco reivindicavam um direito de cidadania da fé no espaço público. Não se tratava de “ocupar” as ruas, mas de devolvê-las à sua vocação comunitária. Passar sob as varandas, atravessar praças e pórticos significava lembrar que a cidade não é apenas lugar de troca econômica ou de confronto político, mas sim de encontro fraterno. Por isso, Dom Bosco insistia em uma ordem impecável: capas escovadas, sapatos limpos, filas regulares. Queria que a imagem da procissão comunicasse beleza e dignidade, persuadindo até os observadores mais céticos de que a proposta cristã elevava a pessoa.

A herança salesiana das procissões

Após a morte de Dom Bosco, seus filhos espirituais difundiram a prática das procissões eucarísticas pelo mundo todo: das escolas agrícolas da Emília às missões da Patagônia, dos colégios asiáticos aos bairros operários de Bruxelas. O que importava não era duplicar servilmente um rito piemontês, mas transmitir o núcleo pedagógico: protagonismo juvenil, catequese simbólica, abertura à sociedade ao redor. Assim, na América Latina, os salesianos inseriram danças tradicionais no início do cortejo; na Índia adotaram tapetes de flores segundo a arte local; na África subsaariana alternaram cantos

gregorianos a ritmos polifônicos tribais. A Eucaristia tornava-se ponte entre culturas, realizando o sonho de Dom Bosco de “fazer de todos os povos uma única família”.

Sob o ponto de vista teológico, as procissões de Dom Bosco incorporam uma forte visão da presença real de Cristo. Levar o Santíssimo “para fora” significa proclamar que o Verbo não se fez carne para ficar trancado, mas para “armar sua tenda no meio de nós” (cf. Jo 1,14). Essa presença pede para ser anunciada em formas compreensíveis, sem se reduzir a um gesto intimista. Em Dom Bosco, a dinâmica centrípeta da adoração (reunir os corações em torno da Hóstia) gera uma dinâmica centrífuga: os jovens, nutridos no altar, sentem-se enviados a servir. Da procissão surgem microcompromissos: assistir um companheiro doente, pacificar uma briga, estudar com mais diligência. A Eucaristia se prolonga nas “procissões invisíveis” da caridade cotidiana.

Hoje, em contextos secularizados ou multirreligiosos, as procissões eucarísticas podem levantar questionamentos: ainda são comunicativas? Não correm o risco de parecer folclore nostálgico? A experiência de Dom Bosco sugere que a chave está na qualidade relacional mais do que na quantidade de incenso ou paramentos. Uma procissão que envolve famílias, explica os símbolos, integra linguagens artísticas contemporâneas e, sobretudo, se conecta a gestos concretos de solidariedade, mantém uma surpreendente força profética. O recente Sínodo dos Jovens (2018) ressaltou várias vezes a importância de “sair” e “mostrar a fé com a carne”. A tradição salesiana, com sua liturgia itinerante, oferece um paradigma já testado de “Igreja em saída”.

As procissões eucarísticas não eram para Dom Bosco simples tradições litúrgicas, mas verdadeiros atos educativos, espirituais e sociais. Elas representavam uma síntese entre fé vivida, comunidade educativa e testemunho público. Através delas, Dom Bosco formava jovens capazes de adorar, respeitar, servir e testemunhar.

Hoje, em um mundo fragmentado e distraído, resgatar o valor das procissões eucarísticas à luz do carisma salesiano pode ser uma maneira eficaz de reencontrar o sentido do essencial: Cristo presente no meio do seu povo, que caminha com ele, o adora, serve e anuncia.

Em uma época que busca autenticidade, visibilidade e relações, a procissão eucarística – se vivida segundo o espírito de Dom Bosco – pode ser um sinal poderoso de esperança e renovação.

Foto: Shutterstock

El Venerable padre Carlo Crespi “testigo y peregrino de esperanza”

El padre Carlo Crespi, misionero salesiano en Ecuador, vivió su vida dedicándose a la fe y a la esperanza. En los últimos años, en el santuario de María Auxiliadora, consoló a los fieles, infundiendo optimismo incluso en los momentos de crisis. Su práctica ejemplar de las virtudes teologales, evidenciada por el testimonio de quienes lo conocieron, se expresó también en el compromiso por la educación: fundando escuelas e institutos, ofreció a los jóvenes nuevas perspectivas. Su ejemplo de resiliencia y dedicación continúa iluminando el camino espiritual y humano de la comunidad. Su legado perdura e inspira a generaciones de creyentes.

En los últimos años de su vida, el padre Carlo Crespi (Legnano, 29 de mayo de 1891 – Cuenca, 30 de abril de 1982), misionero salesiano en Ecuador, dejando gradualmente en segundo plano los anhelos académicos de la juventud, se rodea de esencialidad y su crecimiento espiritual parece imparable.

Se le ve en el santuario de María Auxiliadora divulgando la devoción a la Virgen, confesando y aconsejando a filas interminables de fieles, para quienes los horarios, las comidas e incluso el sueño ya no cuentan. Así como lo había hecho de manera ejemplar durante toda su vida, mantiene la mirada fija hacia los bienes eternos, que ahora parecen más cercanos que nunca.

Él tenía esa esperanza escatológica que se liga a las expectativas del hombre en vida y más allá de la muerte, influyendo de modo significativo en la visión del mundo y el comportamiento cotidiano. Según san Pablo, la esperanza es un ingrediente indispensable para una vida que se dona, que crece colaborando con los otros y desarrollando la propia libertad. El futuro se convierte así en una tarea colectiva que nos hace crecer como personas. Su presencia nos invita a mirar al futuro con un sentido de confianza, iniciativa y conexión con los demás.

¡Esta era la esperanza del Venerable padre Crespi! Una gran virtud que, como los brazos de un yugo, sostiene la fe y la caridad; como el brazo transversal de la cruz es trono de salvación, es apoyo de la serpiente saludable levantada por Moisés en el desierto; puente del alma para emprender el vuelo en la luz.

El no común nivel alcanzado por el padre Crespi en la práctica de todas las virtudes ha sido evidenciado, de manera concorde, por los testigos escuchados en el curso de la Investigación diocesana de la Causa de beatificación, pero emerge también del análisis atento de los documentos y de las vicisitudes biográficas del padre Carlo Crespi. El ejercicio de las virtudes cristianas por su parte fue, según quienes lo conocieron, no solo fuera de lo común, sino también constante en el curso de su larga vida. La gente lo seguía fielmente porque en su cotidiano traslucía, casi naturalmente, el ejercicio de las virtudes teologales, entre las cuales la esperanza destacaba de modo particular en los tantos momentos de dificultad. Él sembró la esperanza en el corazón de las personas y vivió tal virtud en grado máximo.

Cuando la escuela “Cornelio Merchan” fue destruida por un incendio, al pueblo que acudió llorando delante de las ruinas humeantes, él, también llorando, manifestó una constante y no común esperanza animando a todos: *“Pachilla ya no está, pero nosotros construiremos una mejor y los niños serán más felices y más contentos”*. De sus labios no salió nunca una palabra de amargura o de dolor por lo que se había perdido.

En la escuela de don Bosco y de Mamá Margarita, ha vivido y testimoniado la esperanza en plenitud porque, confiando en el Señor y esperando en la Divina Providencia, ha realizado grandes obras y servicios sin presupuesto, aunque nunca le faltó el dinero. No tenía tiempo para agitarse o desesperarse, su actitud positiva daba confianza y esperanza a los demás.

Don Carlo era descrito a menudo como un hombre de corazón rico de optimismo y esperanza ante los grandes sufrimientos de la vida, porque estaba inclinado a relativizar las vicisitudes humanas, incluso las más difíciles; en medio de su gente era testigo y peregrino de esperanza en el camino de la vida.

Muy edificante, a fin de comprender de qué modo y en cuáles ámbitos de la vida del Venerable la virtud de la esperanza encontró concreta expresión, es también el relato que el mismo padre Carlo Crespí hace en una carta, enviada desde Cuenca en 1925, al Rector Mayor don Filippo Rinaldi. En ella, acogiendo una insistente solicitud suya, le refiere un episodio vivido en primera persona, cuando, al consolar a una mujer kivara por la pérdida prematura del hijo, le anuncia la buena nueva de la vida sin fin: *“Conmovido hasta las lágrimas me acerqué a la venerable hija de la selva de los cabellos sueltos al viento: le aseguré que el hijo había muerto bien, que antes de morir no había tenido en los labios más que el nombre de la madre lejana, y que había tenido una sepultura en una caja expresamente trabajada, siendo ciertamente su alma recogida por el gran Dios en el Paraíso [...] Pude entonces intercambiar tranquilamente algunas palabras, echando en aquel*

corazón destrozado el suave bálsamo de la Fe y de la Esperanza cristiana”.

La práctica de la virtud de la esperanza creció paralelamente a la práctica de las otras virtudes cristianas, incentivándolas: fue hombre rico de fe, de esperanza y de caridad.

Cuando la situación socioeconómica de Cuenca en el siglo XX empeoró notablemente, creando importantes repercusiones en la vida de la población, tuvo la intuición de comprender que formando a los jóvenes desde un punto de vista humano, cultural y espiritual, habría sembrado en ellos la esperanza en una vida y en un futuro mejor, contribuyendo a cambiar la suerte de la entera sociedad.

El padre Crespi emprendió, por lo tanto, numerosas iniciativas en favor de la juventud de Cuenca, partiendo ante todo de la educación escolar. La Escuela Popular Salesiana “Cornelio Merchán”; el Colegio Normal Orientalista dirigido a los enseñantes salesianos; la fundación de las escuelas de artes y oficios – que sucesivamente se convirtieron en el “Técnico Salesiano” y el Instituto Tecnológico Superior, culminante en la Universidad Politécnica Salesiana – confirman el deseo del Siervo de Dios de ofrecer a la población cuencana mejores y más numerosas perspectivas para un crecimiento espiritual, humano y profesional. Los jóvenes y los pobres, considerados ante todo como hijos de Dios destinados a la beatitud eterna, fueron por lo tanto alcanzados por el padre Crespi a través de una promoción humana y social capaz de confluir en una dinámica más amplia, la de la salvación.

Todo esto fue realizado por él con pocos medios económicos, pero abundante esperanza en el futuro de los jóvenes. Trabajó activamente sin perder de vista el objetivo último de la propia misión: la consecución de la vida eterna. Es precisamente en este sentido que el padre Carlo Crespi entendió la virtud teologal de la esperanza y es a través de esta perspectiva que pasó todo su sacerdocio.

La reafirmación de la vida eterna fue sin duda uno de los temas centrales tratados en los escritos del padre

Carlo Crespi. Este dato nos permite captar la evidente importancia por él asignada a la virtud de la esperanza. Tal dato muestra claramente cómo la práctica de esta virtud permeó constantemente el recorrido terreno del Siervo de Dios.

Ni siquiera la enfermedad pudo apagar la inagotable esperanza que siempre animó al padre Crespi.

Poco antes de cerrar su propia existencia terrena don Carlo pidió que le fuera dado entre las manos un crucifijo. Su muerte ocurrió el 30 de abril de 1982 a las 17.30 en la Clínica Santa Inés de Cuenca a causa de una bronconeumonía y de un ataque cardíaco.

El médico personal del Venerable Siervo de Dios, que durante 25 años y hasta la muerte, fue testigo directo de la serenidad y de la conciencia con la cual el padre Crespi, que siempre había vivido con la mirada dirigida al cielo, vivió el tan esperado encuentro con Jesús.

En el proceso testimonió: *“Para mí una señal especial es precisamente aquella actitud de haber comunicado con nosotros en un acto simplemente humano, riendo y bromeando y, cuando -digo- ha visto que las puertas de la eternidad estaban abiertas y quizás la Virgen lo esperaba, nos ha hecho callar y nos ha hecho rezar a todos”*.

Carlo Riganti

Presidente Asociación Carlo Crespi

As profecias de Malaquias. Os papas e o fim do mundo

As chamadas “Profecias de Malaquias” representam um dos textos proféticos mais fascinantes e controversos ligados ao destino da Igreja Católica e do mundo. Atribuídas a Malaquias de

Armagh, arcebispo irlandês que viveu no século XII, essas previsões descrevem brevemente, através de enigmáticos lemas latinos, os pontífices desde Celestino II até o último papa, o misterioso “Pedro Segundo”. Embora sejam consideradas pelos estudiosos como falsificações modernas que remontam ao final do século XVI, as profecias continuam a suscitar debates, interpretações apocalípticas e especulações sobre possíveis cenários escatológicos. Independentemente de sua autenticidade, elas representam, ainda assim, um forte chamado à vigilância espiritual e à espera consciente do juízo final.

Malaquias de Armagh. Biografia de um “Bonifácio da Irlanda”

Malaquias (em irlandês *Máel Máedóc Ua Morgair*, em latim *Malachias*) nasceu por volta de 1094 perto de Armagh, de uma família nobre. Recebeu sua formação intelectual do erudito Imhar O’Hagan e, apesar de sua relutância inicial, foi ordenado sacerdote em 1119 pelo arcebispo Cellach. Após um período de aperfeiçoamento litúrgico no mosteiro de Lismore, Malaquias empreendeu uma intensa atividade pastoral que o levou a ocupar cargos de crescente responsabilidade. Em 1123, como Abade de Bangor, iniciou a restauração da disciplina sacramental; em 1124: nomeado Bispo de Down e Connor, prosseguiu a reforma litúrgica e pastoral e em 1132, tornado Arcebispo de Armagh, após difíceis disputas com os usurpadores locais, libertou a sé primacial da Irlanda e promoveu a estrutura diocesana sancionada pelo sínodo de Ráth Breasail.

Durante seu ministério, Malaquias introduziu reformas significativas adotando a liturgia romana, substituindo as heranças monásticas de clãs pela estrutura diocesana prescrita pelo sínodo de Ráth Breasail (1111) e promoveu a confissão individual, o matrimônio sacramental e a crisma.

Por essas intervenções reformadoras, São Bernardo de Claraval o comparou a São Bonifácio, o apóstolo da Alemanha.

Malaquias fez duas viagens a Roma (1139 e 1148) para receber o pálio metropolitano para as novas províncias eclesiásticas da

Irlanda, e nessa ocasião foi nomeado legado pontifício. No retorno da primeira viagem, com a ajuda de São Bernardo de Claraval, fundou a abadia cisterciense de Mellifont (1142), a primeira de numerosas fundações cistercienses em terras irlandesas. Morreu durante uma segunda viagem a Roma, em 2 de novembro de 1148 em Claraval, nos braços de São Bernardo, que escreveu sua biografia intitulada "*Vita Sancti Malachiae*" [Vida de São Malaquias].

Em 1190, o Papa Clemente III o canonizou oficialmente, tornando-o o primeiro santo irlandês proclamado segundo o procedimento formal da Cúria Romana.

A "Profecia dos Papas": um texto que surge quatro séculos depois

À figura deste arcebispo reformador foi associada, apenas no século XVI, uma coleção de 112 lemas que descreveriam outros tantos pontífices: desde Celestino II até o enigmático "Pedro Segundo", destinado a assistir à destruição da "cidade das sete colinas".

A primeira publicação dessas profecias data de 1595, quando o monge beneditino Arnold Wion as inseriu em sua obra *Lignum Vitae*, apresentando-as como um manuscrito redigido por Malaquias durante sua visita a Roma em 1139.

As profecias consistem em breves frases simbólicas que deveriam caracterizar cada papa através de referências ao nome, ao local de nascimento, ao brasão ou a eventos significativos do pontificado. A seguir, são apresentados os lemas atribuídos aos últimos pontífices:

109 – *De medietate Lunae* ("Da metade da lua")

Atribuído a João Paulo I, que reinou por apenas um mês. Foi eleito em 26.08.1978, quando a lua estava no último quarto (25.08.1978), e morreu em 28.09.1978, quando a lua estava no primeiro quarto (24.09.1978).

110 – *De labore solis* ("Da fadiga do sol")

Atribuído a João Paulo II, que liderou a Igreja por 26 anos, o

terceiro pontificado mais longo da história depois de São Pedro (34-37 anos) e do Beato Pio IX (mais de 31 anos). Foi eleito em 16.10.1978, pouco depois de um eclipse solar parcial (02.10.1978), e morreu em 02.04.2005, poucos dias antes de um eclipse solar anular (08.04.2005).

111 – *Gloria olivae* (“Glória da oliveira”)

Atribuído a Bento XVI (2005-2013). O cardeal Ratzinger, engajado no diálogo ecumênico e inter-religioso, escolheu o nome de Bento XVI em continuidade com Bento XV, papa que trabalhou pela paz durante a Primeira Guerra Mundial, como ele mesmo explicou em sua primeira Audiência Geral de 27 de abril de 2005 (a paz é simbolizada pelo ramo de oliveira trazido pela pomba a Noé ao fim do Dilúvio). Essa conexão simbólica foi ainda reforçada pela canonização, em 2009, de Bernardo Tolomei (1272-1348), fundador da congregação beneditina de Santa Maria do Monte Oliveto (Monges Olivetanos).

112[a] – *In persecutione extrema Sanctae Romanae Ecclesiae sedebit... [Durante a perseguição final à Santa Igreja Romana reinará...]*

Este não é propriamente um lema, mas uma frase introdutória. Na edição original de 1595, aparece como uma linha separada, sugerindo a possibilidade de inserir outros papas entre Bento XVI e o profetizado “Pedro Segundo”. Isso contradiria a interpretação que identifica necessariamente o Papa Francisco como o último pontífice.

112[b] – *Petrus Secundus [Pedro Segundo]*

Referente ao último papa (a Igreja teve como primeiro pontífice São Pedro e terá como último outro Pedro) que guiará os fiéis em tempos de tribulação.

O parágrafo inteiro da profecia diz:

“In persecutione extrema Sanctae Romanae Ecclesiae sedebit **Petrus Secundus**, qui pascet oves in multis tribulationibus; *quibus transactis*, Civitas septicollis diruetur, et Iudex tremendus judicabit populum suum. *Amen.*”

“Durante a perseguição final à Santa Igreja Romana, reinará

Pedro Segundo, que apascentará suas ovelhas em meio a muitas tribulações; passadas estas, a cidade das sete colinas [Roma] será destruída, e o Juiz terrível julgará o seu povo. Amém.” “Pedro Segundo” seria, portanto, o último pontífice antes do fim dos tempos, com uma clara referência apocalíptica à destruição de Roma e ao juízo final.

Especulações contemporâneas

Nos últimos anos, as interpretações especulativas se multiplicaram: alguns identificam o Papa Francisco como o 112º e último pontífice, outros supõem que ele foi um papa de transição para o verdadeiro último papa, e há até quem calcule 2027 como a possível data do fim dos tempos.

Esta última hipótese baseia-se em um cálculo curioso: desde a primeira eleição papal mencionada na profecia (Celestino II em 1143) até a primeira publicação do texto (durante o pontificado de Sisto V, 1585-1590) passaram-se cerca de 442 anos; seguindo a mesma lógica, adicionando outros 442 anos desde a publicação, chegaríamos a 2027. Essas especulações, no entanto, carecem de fundamento científico, pois o manuscrito original não contém referências cronológicas explícitas.

A autenticidade contestada

Desde o surgimento do texto, numerosos historiadores expressaram dúvidas sobre sua autenticidade por diversas razões:

- **ausência de manuscritos antigos:** não existem cópias datáveis antes de 1595;
- **estilo linguístico:** o latim utilizado é típico do século XVI, não do XII;
- **precisão retrospectiva:** os lemas referentes aos papas anteriores ao conclave de 1590 são surpreendentemente precisos, enquanto os posteriores são muito mais vagos e facilmente adaptáveis a eventos posteriores;
- **finalidades políticas:** em uma época de fortes tensões entre facções curiais, uma lista profética como essa poderia influenciar o eleitorado cardinalício no Conclave de 1590.

A posição da Igreja

A doutrina católica ensina, como consta no [Catecismo](#), que o destino da Igreja não pode ser diferente daquele de seu Chefe, Jesus Cristo. Nos parágrafos 675-677 descreve-se “A provação derradeira da Igreja”:

Antes do advento de Cristo, a Igreja deve passar por uma provação final que abalará a fé de muitos crentes. A perseguição que acompanha a peregrinação dela na terra desvendará o “mistério de iniquidade” sob a forma de uma impostura religiosa que há de trazer aos homens uma solução aparente a seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A impostura religiosa suprema é a do Anticristo, isto é, a de um pseudomessianismo em que o homem glorifica a si mesmo em lugar de Deus e de seu Messias que veio na carne.

Esta impostura anticristica já se esboça no mundo toda vez que se pretende realizar na história a esperança messiânica que só pode realizar-se para além dela, por meio do juízo escatológico: mesmo em sua forma mitigada, a Igreja rejeitou esta falsificação do Reino vindouro sob o nome de milenarismo, sobretudo sob a forma política de um messianismo secularizado, “intrinsecamente perverso”.

A Igreja só entrará na glória do Reino por meio desta derradeira Páscoa, em que seguirá seu Senhor em sua Morte e Ressurreição. Portanto, o Reino não se realizará por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o desencadeamento último do mal, que fará sua Esposa descer do Céu. O triunfo de Deus sobre a revolta do mal assumirá a forma do Juízo Final depois do derradeiro abalo cósmico deste mundo que passa.

Ao mesmo tempo, a doutrina católica oficial convida à prudência, baseando-se nas próprias palavras de Jesus: «Surgirão cristos e falsos profetas, que enganarão muita gente » (Mt 24,11).

«Hão de surgir, de fato, falsos messias e falsos profetas, que farão grandes prodígios e maravilhas para enganar, se

possível, até os eleitos» (Mt 24,24).

A Igreja sublinha, seguindo o Evangelho de Mateus (Mt 24,36), que o momento do fim do mundo não é conhecível pelos homens, mas somente por Deus. E o Magistério oficial – O Catecismo (n. 673-679) reitera que ninguém pode “ler” a hora do retorno de Cristo.

As profecias atribuídas a São Malaquias nunca receberam aprovação oficial da Igreja. No entanto, independentemente de sua autenticidade histórica, elas nos lembram uma verdade fundamental da fé cristã: o fim dos tempos acontecerá, como foi ensinado por Jesus.

Há dois mil anos, os homens refletem sobre este evento escatológico, muitas vezes esquecendo que o “fim dos tempos” para cada um coincide com o próprio fim da existência terrena. Que importa se o fim de nossa vida coincidirá com o fim dos tempos? Para muitos não será assim. O que realmente importa é viver autenticamente a vida cristã no cotidiano, seguindo os ensinamentos de Cristo e estando sempre prontos a prestar contas ao Criador e Redentor pelos talentos recebidos. Permanece sempre atual a advertência de Jesus: «Vigiai, portanto, pois não sabeis em que dia virá o vosso Senhor» (Mt 24,42).

Nessa perspectiva, o mistério do “Pedro Segundo” não representa tanto uma ameaça de ruína, mas sim um convite à constante conversão e à confiança no desígnio divino de salvação.

Com Nino Baglieri, peregrino

da Esperança, no caminho do Jubileu

O percurso do Jubileu 2025, dedicado à Esperança, encontra um testemunho luminoso na história do Servo de Deus Nino Baglieri. Da queda dramática aos dezessete anos, que o tornou tetraplégico, até o renascimento interior em 1978, Baglieri passou da sombra do desespero para a luz de uma fé ativa, transformando sua cama de dor em escola de alegria. Sua história entrelaça os cinco sinais jubilares – peregrinação, porta, profissão de fé, caridade e reconciliação – mostrando que a esperança cristã não é fuga, mas força que abre o futuro e sustenta todo caminho.

1. Esperar como expectativa

A esperança, segundo o dicionário *on-line* Treccani, é um sentimento de “confiante expectativa na realização, presente ou futura, do que se deseja”. A etimologia do substantivo “esperança” deriva do latim *spes*, que por sua vez vem da raiz sânscrita *spa-*, que significa tender a um objetivo. Na língua espanhola, “esperar” e “aguardar” são traduzidos pelo verbo *esperar*, que reúne em uma única palavra ambos os significados: como se só se pudesse aguardar aquilo que se espera. Esse estado de espírito nos permite enfrentar a vida e seus desafios com coragem e uma luz no coração sempre acesa. A esperança é expressa – positiva ou negativamente – também em alguns provérbios da sabedoria popular: “A esperança é a última que morre”, “Enquanto há vida, há esperança”, “Quem vive de esperança, morre desesperado”.

Quase recolhendo esse “sentir compartilhado” sobre a esperança, mas consciente da necessidade de ajudar a redescobrir a esperança em sua dimensão mais plena e verdadeira, o Papa Francisco quis dedicar o Jubileu Ordinário de 2025 à Esperança (*Spes non confundit* [A esperança não

engana] é a Bula de convocação) e, já em 2014, dizia: “A ressurreição de Jesus não é o final feliz de uma bonita fábula, não é o *happy end* de um filme; mas a intervenção de Deus Pai sobrevém onde se rompe a esperança humana. O momento em que tudo parece perdido, na hora do sofrimento, no qual numerosas pessoas sentem como que a necessidade de descer da cruz, é o momento mais próximo da ressurreição. A morte torna-se mais obscura precisamente antes que desponte a manhã, antes que surja a luz. É na hora mais obscura que Deus intervém e ressuscita” (cf. Audiência de 16 de abril de 2014).

Nesse contexto, encaixa-se perfeitamente a história do **Servo de Deus Nino Baglieri** (Modica, 1º de maio de 1951 – 2 de março de 2007), que, jovem pedreiro de dezessete anos, ao cair de um andaime de dezessete metros devido ao súbito rompimento de uma tábuca, chocou-se contra o chão, ficando tetraplégico: desde essa queda, em 6 de maio de 1968, só pôde mover a cabeça e o pescoço, dependendo dos outros em tudo para toda a vida, até nas coisas mais simples e humildes. Nino não podia nem apertar a mão de um amigo, nem fazer um carinho na mãe... e via desaparecer a possibilidade de realizar seus sonhos. Que esperança de vida tem agora esse jovem? Com quais sentimentos pode lidar? Que futuro o espera? A primeira resposta de Nino foi o desespero, a escuridão total diante de uma busca de sentido que não encontrava resposta: primeiro uma longa peregrinação por hospitais de várias regiões italianas, depois a compaixão de amigos e conhecidos levou Nino a se rebelar e se fechar em dez longos anos de solidão e raiva, enquanto o túnel da vida se aprofundava cada vez mais.

Na mitologia grega, Zeus confia a Pandora um vaso que contém todos os males do mundo: ao ser aberto, os homens perdem a imortalidade e começam uma vida de sofrimento. Para salvá-los, Pandora reabre o vaso e libera *elpis*, a esperança, que ficou no fundo: era o único antídoto para as aflições da vida. Olhando para o Doador de todo bem, sabemos que «a esperança não engana» (Rm 5,5). O Papa Francisco, na *Spes non confundit*, escreve: “Sob o sinal da esperança, o apóstolo Paulo infunde coragem à comunidade cristã de Roma. [...]. Todos

esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança” (*Ibid.*, 1).

2. De Testemunha do “desespero” a “embaixador” da esperança

Voltemos então à história do nosso Servo de Deus, Nino Baglieri.

Foram necessários dez longos anos para que Nino saísse do túnel do desespero, as densas trevas se dissipassem e entrasse a Luz. Era a tarde de 24 de março, Sexta-feira Santa de 1978, quando o P. Aldo Modica, com um grupo de jovens, foi à casa de Nino, à pedido da sua mãe, Peppina, e por algumas pessoas que frequentavam o caminho do Renovação Carismática, então em seus primórdios na vizinha paróquia salesiana. Escreve Nino: “Enquanto invocavam o Espírito Santo, senti uma sensação estranhíssima, um grande calor invadia meu corpo, um forte formigamento em todos os [meus] membros, como se uma força nova entrasse em mim e algo velho saísse. Naquele momento disse meu ‘sim’ ao Senhor, aceitei minha cruz e renasci para uma vida nova, tornei-me um homem novo. Dez anos de desespero apagados em poucos instantes, porque uma alegria desconhecida entrou no meu coração. Eu desejava a cura do meu corpo e, em vez disso, o Senhor me concedia uma alegria ainda maior: a cura espiritual”.

Começa para Nino um novo caminho: de “testemunha do desespero” torna-se “peregrino da esperança”. Não mais isolado em seu quatinho, mas “embaixador” dessa esperança, conta sua experiência por meio de um programa transmitido por uma rádio local e – graça ainda maior – o bom Deus lhe dá a alegria de poder escrever com a boca. Nino confessa: “No mês de março de 1979, o Senhor me fez um grande milagre: aprendi a

escrever com a boca, comecei assim, estava com meus amigos que estavam fazendo os deveres, pedi para me darem um lápis e um caderno, comecei a fazer sinais e a desenhar algo, mas depois descobri que podia escrever e assim comecei a escrever". Começa então a redigir suas memórias e a manter contato por carta com pessoas de todas as categorias e em várias partes do mundo, com milhares de cartas até hoje guardadas. A esperança reencontrada o torna criativo, agora Nino redescobre o gosto pelas relações e quer se tornar – como pode – independente: com a ajuda de uma vareta que usa com a boca e de um elástico aplicado ao telefone, disca os números para se comunicar com muitas pessoas doentes, para lhes dirigir uma palavra de conforto. Descobre uma nova forma de enfrentar sua condição de sofrimento, que o tira do isolamento e o leva a se tornar testemunha do Evangelho da alegria e da esperança: "Agora há muita alegria no meu coração, em mim não existe mais dor, no meu coração há o Teu amor. Obrigado, Jesus, meu Senhor, do meu leito de dor quero Te louvar e com todo o meu coração Te agradecer porque me chamaste para conhecer a vida, para conhecer a verdadeira vida".

Nino mudou de perspectiva, fez uma volta de 180 graus – o Senhor lhe deu a **conversão** – depositou sua confiança naquele Deus misericordioso que, através da "desgraça", o chamou para trabalhar em sua vinha, para ser sinal e instrumento de salvação e esperança. Assim, muitas pessoas que iam visitá-lo para consolá-lo saíam consoladas, com lágrimas nos olhos: não encontravam naquela caminha um homem triste e abatido, mas um rosto sorridente que irradiava – apesar de tantas dores, entre elas as feridas e os problemas respiratórios – alegria de viver: o sorriso era constante em seu rosto e Nino se sentia "útil em um leito de dor". Nino Baglieri é o oposto de muitas pessoas hoje, eternamente em busca do sentido da vida, que buscam o sucesso fácil e a felicidade de coisas efêmeras e sem valor, vivem *on-line*, consomem a vida em um clique, querem tudo e já, mas têm os olhos tristes, apagados. Nino aparentemente não tinha nada, e, no entanto, tinha paz e alegria no coração: não viveu isolado,

mas sustentado pelo amor de Deus expresso pelo abraço e pela presença de toda sua família e de cada vez mais pessoas que o conhecem e se relacionam com ele.

3. Reavivar a esperança

Construir a esperança é: toda vez que não me contento com minha vida e me esforço para mudá-la. Toda vez que não me deixo endurecer pelas experiências negativas e evito que elas me tornem desconfiado. Toda vez que caio e tento me levantar, que não permito que os medos tenham a última palavra. Toda vez que, em um mundo marcado por conflitos, escolho a confiança e a renovação constante, com todos. Toda vez que não fujo do sonho de Deus que me diz: “quero que sejas feliz”, “quero que tenhas uma vida plena... plena também de santidade”. O ápice da virtude da esperança é, de fato, um olhar para o Céu para habitar bem a terra ou, como diria Dom Bosco, **um caminhar com os pés no chão e o coração no Céu.**

Nesse caminho de esperança se realiza o jubileu que, com seus sinais, nos pede para nos pôr em movimento, para atravessar algumas fronteiras.

Primeiro sinal, a peregrinação: quando nos movemos de um lugar para outro, estamos abertos ao novo, à mudança. Toda a vida de Jesus foi “um pôr-se a caminho”, um caminho de evangelização que se realiza no dom da vida e depois além, com a Ressurreição e a Ascensão.

Segundo sinal, a porta: em Jo 10,9 Jesus afirma «Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem». Passar pela porta é deixar-se acolher, ser comunidade. No evangelho fala-se também da “porta estreita”: o Jubileu torna-se caminho de conversão.

Terceiro sinal, a profissão de fé: expressar a pertença a Cristo e à Igreja e declará-lo publicamente.

Quarto sinal, a caridade: a caridade é a senha para o céu, em 1Pd 4,8 o apóstolo Pedro admoesta «mantende entre vós uma ardente caridade, porque a caridade cobre a multidão dos pecados».

Quinto sinal, portanto, **a reconciliação e a indulgência jubilar**: trata-se de um “tempo favorável” (cf. 2Cor 6,2) para experimentar a grande misericórdia de Deus e percorrer caminhos de reaproximação e perdão para com os irmãos; para viver a oração do Pai Nosso onde se pede “perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. É tornar-se criaturas novas.

Também na vida de Nino há episódios que o ligam – no “fio” da esperança – a essas dimensões jubilares. Por exemplo, o arrependimento por algumas travessuras da infância, como quando, em três (ele conta), “roubávamos as ofertas das Missas na sacristia, usávamos para jogar pebolim. Quando se encontra más companhias, elas levam para os maus caminhos. Depois um pegou o molho de chaves do Oratório e escondeu na minha bolsa de livros que estava no escritório; encontraram as chaves, chamaram os pais, nos deram dois tapas e nos expulsaram da escola. Vergonha!”. Mas sobretudo na vida de Nino há a caridade, ajudar o irmão pobre, na prova física e moral, fazer-se presente para quem tem dificuldades até psicológicas e alcançar por escrito os irmãos na prisão para testemunhar-lhes a bondade e o amor de Deus. A Nino, que antes da queda fora pedreiro, «[eu] gostava construir com minhas mãos algo que permanecesse no tempo: também agora – escreve – sinto-me um pedreiro que trabalha no Reino de Deus, para deixar algo que permaneça no tempo, para ver as Obras Maravilhosas de Deus que realiza em nossa Vida». Confessa: «Meu corpo parece morto, mas no meu peito continua a bater meu coração. As pernas não se movem, e, no entanto, pelas estradas do mundo eu caminho».

4. Peregrino rumo ao céu

Nino, salesiano cooperador, consagrado da grande Família Salesiana, conclui sua “peregrinação” terrena na sexta-feira, 2 de março de 2007, às 8h da manhã, aos 55 anos, dos quais 39 foram vividos como tetraplégico entre cama e cadeira de rodas, após pedir desculpas à família pelas dificuldades que teve que enfrentar devido à sua condição.

Deixa o palco deste mundo usando agasalho e tênis esportivo, como tinha expressamente pedido, para correr pelos verdes prados floridos e saltitar como uma corça ao longo dos cursos d'água. Lemos em seu Testamento Espiritual: “Nunca deixarei de agradecer-te, ó Senhor, por me ter chamado a Ti através da Cruz em 6 de maio de 1968. Uma cruz pesada para minhas forças jovens...”. No dia 2 de março, a vida – dom contínuo que começa com os pais e é lentamente alimentado com surpresa e beleza – insere para Nino Baglieri sua peça mais importante: o abraço com seu Senhor e Deus, acompanhado por Nossa Senhora.

Ao saber de sua partida, de muitos lugares se ergue um coro unânime: «morreu um santo», um homem que fez de seu leito de dor o estandarte da vida plena, dom para todos. Portanto, um grande testemunho de esperança.

Passados cinco anos da morte, assim como previsto pelas *Normae Servandae in Inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum* de 1983, o bispo da Diocese de Noto, a pedido do Postulador Geral da Congregação Salesiana, ouvido o Conselho Episcopal Siciliano e obtido o *Nihil obstat* da Santa Sé, abre a Inquérito Diocesano da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Nino Baglieri.

O processo diocesano, que durou doze anos, desenvolveu-se ao longo de duas linhas principais: o trabalho da Comissão de História que pesquisou, coletou, estudou e apresentou muitas fontes, sobretudo Escritos “do” e “sobre” o Servo de Deus; o Tribunal Eclesiástico, titular do Inquérito, que também ouviu sob juramento as testemunhas.

Esse percurso foi concluído no último dia 5 de maio de 2024, na presença de Dom Salvatore Rumeo, atual bispo da diocese de Noto. Poucos dias depois, os Atos processuais foram entregues ao Dicastério das Causas dos Santos, que procedeu à sua abertura em 21 de junho de 2024. No início de 2025, o mesmo Dicastério decretou sua “Validade Jurídica”, com a qual a fase romana da Causa pode entrar em seu momento principal.

Agora, a contribuição para a Causa continua também divulgando a figura de Nino, que ao final de seu caminho

terreno recomendou: “Não me deixem sem fazer nada. Eu continuarei do céu minha missão. Escreverei para vocês do Paraíso”.

O caminho da esperança em sua companhia torna-se assim desejo do Céu, quando “encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1 Cor13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. [...]. Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus. [...]. Caminemos cantando!” (cf. Laudato Si’, 243-244).

Roberto Chiaramonte

O P. Pedro Ricaldone renasce em Mirabello Monferrato

O P. Pedro Ricaldone (Mirabello Monferrato, 27 de abril de 1870 – Roma, 25 de novembro de 1951) foi o quarto sucessor de Dom Bosco à frente dos Salesianos, homem de vasta cultura, profunda espiritualidade e grande amor pelos jovens. Nascido e criado entre as colinas de Monferrato, sempre carregou consigo o espírito daquela terra, traduzindo-o em um compromisso pastoral e formativo que o tornaria uma figura de destaque internacional. Hoje, os habitantes de Mirabello Monferrato querem trazê-lo de volta às suas terras.

O Comitê P. Pedro Ricaldone: renascimento de uma herança (2019)

Em 2019, um grupo de ex-alunos e ex-alunas, historiadores e

apaixonados por tradições locais deu vida ao **Comitê P. Pedro Ricaldone** em Mirabello Monferrato. O objetivo – simples e ambicioso ao mesmo tempo – foi desde o início trazer a figura do P. Pedro de volta ao coração da cidade e dos jovens, para que sua história e sua herança espiritual não se percam.

Para preparar o 150º aniversário de nascimento (1870-2020), o Comitê pesquisou o Arquivo Histórico Municipal de Mirabello e o Arquivo Histórico Salesiano, encontrando cartas, anotações e volumes antigos. Desse trabalho nasceu uma biografia ilustrada, pensada para leitores de todas as idades, na qual a personalidade de Ricaldone emerge de forma clara e cativante. Fundamental, nesta fase, foi a colaboração com o P. Egídio Deiana, estudioso da história salesiana.

Em 2020, estava prevista uma série de eventos – exposições fotográficas, concertos, espetáculos teatrais e circenses – todos centrados na memória do P. Pedro. Embora a pandemia tenha obrigado a reprogramar grande parte das celebrações, em julho do mesmo ano, realizou-se um evento comemorativo com uma exposição fotográfica sobre as etapas da vida de Ricaldone, uma animação infantil com oficinas criativas e uma celebração solene, com a presença de alguns Superiores Salesianos. Aquele encontro marcou o início de uma nova fase de atenção ao território de Mirabello.

Além dos 150 anos: o concerto pelo 70º aniversário de morte

O entusiasmo pela recuperação da figura do P. Pedro Ricaldone levou o Comitê a prolongar suas atividades mesmo após o 150º aniversário.

Em vista do 70º aniversário de morte (25 de novembro de 1951), o Comitê organizou um concerto intitulado “Apressar a aurora radiosa do dia esperado”, frase extraída da circular do P. Pedro sobre o Canto Gregoriano de 1942.

Em plena Segunda Guerra Mundial, o P. Pedro – então Reitor-Mor – escreveu uma célebre circular sobre o Canto Gregoriano na qual destacava a importância da música como caminho privilegiado para reconduzir os corações dos homens à

caridade, à mansidão e, sobretudo, a Deus: “A alguns poderá causar espanto que, em meio a tanto fragor de armas, eu vos convide a ocupar-vos de música. No entanto, penso, mesmo prescindindo de alusões mitológicas, que este tema responde plenamente às exigências da hora atual. Tudo o que possa exercer eficácia educativa e reconduzir os homens a sentimentos de caridade e mansidão e, sobretudo, a Deus, deve ser por nós praticado, diligentemente e sem demora, para apressar a aurora radiosa do dia esperado”.

Passeios e raízes salesianas: o “Passeio de Dom Bosco”

Embora tenha nascido como uma homenagem ao P. Ricaldone, o Comitê acabou por divulgar novamente também a figura de Dom Bosco e de toda a tradição salesiana, da qual o P. Pedro foi herdeiro e protagonista.

A partir de 2021, a cada segundo domingo de outubro, o Comitê promove o “Passeio de Dom Bosco”, repropoando a peregrinação que Dom Bosco realizou com os jovens de Mirabello a Lu Monferrato de 12 a 17 de outubro de 1861. Naqueles cinco dias, foram planejados os detalhes do primeiro colégio salesiano fora de Turim, confiado ao Beato Miguel Rua, com o P. Álbera entre os professores. Embora a iniciativa não diga respeito diretamente ao P. Pedro, ela destaca suas raízes e o vínculo com a tradição salesiana local que ele mesmo levou adiante.

Hospitalidade e intercâmbios culturais

O Comitê tem incentivado o acolhimento de grupos de jovens, escolas profissionais e clérigos salesianos de todo o mundo. Algumas famílias oferecem hospitalidade gratuita, renovando a fraternidade típica de Dom Bosco e do P. Pedro. Em 2023, um numeroso grupo da Crocetta passou por Mirabello, enquanto durante todo o verão chegam grupos internacionais acompanhados pelo P. Egídio Deiana. Cada visita é um diálogo entre memória histórica e a alegria dos jovens.

Em 30 de março de 2025, quase cem capitulares salesianos fizeram uma parada em Mirabello, nos locais onde Dom Bosco abriu seu primeiro colégio fora de Turim e onde o P. Pedro

viveu seus anos de formação. O Comitê, junto com a Paróquia e a *Pro Loco [escritório de promoção cultural e turística]*, organizou a acolhida e produziu um vídeo informativo sobre a história salesiana local, apreciado por todos os participantes.

As iniciativas continuam e hoje o Comitê, liderado por seu presidente, colabora na criação do *Caminho Monferrino de Dom Bosco*, um itinerário espiritual de aproximadamente 200 km pelas rotas outonais percorridas pelo Santo. O objetivo é obter o reconhecimento oficial em nível regional, mas também oferecer aos peregrinos uma experiência formativa e de evangelização. Os passeios juvenis de Dom Bosco, de fato, eram experiências de formação e evangelização: o mesmo espírito que o P. Pedro Ricaldone defenderia e promoveria depois durante todo o seu reitorado.

A missão do Comitê: manter viva a memória do P. Pedro

Por trás de cada iniciativa está a vontade de destacar a obra educativa, pastoral e cultural do P. Pedro Ricaldone. Os fundadores do Comitê guardam memórias pessoais da infância e desejam transmitir às novas gerações os valores de fé, cultura e solidariedade que animaram o sacerdote de Mirabello. Numa época em que tantos pontos de referência vacilam, redescobrir o caminho do P. Pedro significa oferecer um modelo de vida capaz de iluminar o presente: “Onde passam os Santos, Deus caminha com eles e nada mais é como antes” (São João Paulo II).

O Comitê P. Pedro Ricaldone se faz porta-voz dessa herança, confiando que a memória de um grande filho de Mirabello continue a iluminar o caminho para as gerações futuras, traçando uma senda sólida feita de fé, cultura e solidariedade.

Novena a Maria Auxiliadora 2025

Esta novena a Maria Auxiliadora 2025 nos convida a nos redescobrirmos filhos sob o olhar materno de Maria. A cada dia, através das grandes aparições – de Lourdes a Fátima, de Guadalupe a Banneux – contemplamos um traço do seu amor: humildade, esperança, obediência, assombro, confiança, consolação, justiça, doçura, sonho. As meditações do Reitor-Mor e as orações dos “filhos” nos acompanham em um caminho de nove dias que abre o coração à fé simples dos pequenos, alimenta a oração e encoraja a construir, com Maria, um mundo curado e cheio de luz, para nós e para todos aqueles que buscam esperança e paz.

1º Dia

Ser Filhos – Humildade e fé

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Lurdes

A pequena Bernadette Soubirous

11 de fevereiro de 1858. Eu acabara de completar 14 anos. Era uma manhã como qualquer outra, um dia de inverno. Estávamos com fome, como sempre. Havia uma caverna, com uma entrada escura. No silêncio, senti uma grande brisa. O arbusto moveu-se, foi sacudido por uma grande força. Vi, então, uma jovem mulher, branca, não mais alta do que eu, que me cumprimentou com uma leve inclinação da cabeça; ao mesmo tempo, afastou um pouco do corpo os braços estendidos, abrindo as mãos, como as estátuas de Nossa Senhora; fiquei com medo. Então, ocorreu-me rezar: peguei o terço que sempre levo comigo e comecei a rezar o rosário.

Maria mostra-se a sua filha Bernadette Soubirous. A ela, que não sabia ler nem escrever, que falava dialeto e não frequentava o catecismo. Uma menina pobre, alvo de bullying de todos na aldeia, no entanto mesmo assim pronta a confiar e entregar-se, como quem não tem nada. E nada a perder. Maria confia-lhe os seus segredos, e o faz porque confia nela. Trata-a com ternura, dirige-se a ela com gentileza, diz-lhe “por favor”. E Bernadette se abandona e acredita nela, exatamente como uma criança faz com a própria mãe. Acredita na promessa que Nossa Senhora lhe faz: **de não a fazer feliz neste mundo, mas no outro**. E ela se lembra dessa promessa por toda a vida. Uma promessa que lhe permitirá enfrentar todas as dificuldades de cabeça erguida, com força e determinação, fazendo o que Nossa Senhora lhe pediu: rezar, rezar sempre por todos nós, pecadores. Ela também promete: guarda os segredos de Maria e dá voz ao seu pedido de um Santuário no local da aparição. E, no momento da morte, Bernadette sorri, recordando o rosto de Maria, seu olhar terno, seus silêncios, suas poucas, mas intensas palavras e, sobretudo, aquela promessa. E se sente filha, filha de uma Mãe que cumpre as suas promessas.

Maria, Mãe que promete

Tu, que prometeste ser mãe da humanidade, ficaste ao lado dos teus filhos, a começar pelos pequenos e mais pobres. A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Tem fé: Maria se mostra também a nós se soubermos despojar-nos de tudo.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, humildade e fé

Podemos dizer que a Bem-Aventurada Virgem Maria é para nós um farol de humildade e de fé que acompanha o nosso tempo, acompanha a nossa vida, acompanha a experiência de todos e de cada um de nós. Não esqueçamos, porém, que a humildade de Maria não é, antes de qualquer coisa, uma simples modéstia exterior, não é uma fachada, mas sim uma profunda consciência

da sua pequenez diante da grandeza de Deus.

O seu “sim, eis aqui a serva do Senhor”, que ela pronunciou diante do anjo, é um ato de humildade, não de presunção; é um abandono confiante de quem se reconhece instrumento nas mãos de Deus. Maria não busca reconhecimento, Maria busca simplesmente ser serva, colocando-se silenciosamente em último lugar, com humildade, com simplicidade que nos desarma. Esta humildade, uma humildade radical, é a chave que abriu o coração de Maria à Graça Divina, permitindo que o Verbo de Deus, com a sua grandeza, com a sua imensidão, se encarnasse no seu seio humano.

Eis que Maria nos ensina a sermos como somos, com a nossa humildade, sem orgulho, sem depender da nossa autoridade, da nossa autorreferência, colocando-nos livremente diante de Deus para que possamos colher com plena liberdade e disponibilidade, como o fez Maria, o amor divino e viver a Sua vontade. Eis o segundo ponto, eis a fé de Maria. A humildade de serva a coloca em um caminho constante de adesão incondicional ao projeto de Deus, mesmo nos momentos mais obscuros e incompreensíveis, o que significa enfrentar com coragem a pobreza da sua experiência na gruta de Belém, a fuga para o Egito, a vida escondida em Nazaré, mas sobretudo aos pés da cruz, onde a fé de Maria atinge o seu ápice.

Sob a cruz, com um coração trespassado pela dor, Maria não vacila, Maria não cai, Maria crê na promessa. Sua fé não é um sentimento passageiro, mas uma rocha sólida sobre a qual se fundamenta a esperança da humanidade, a nossa esperança. A humildade e a fé em Maria estão intrinsecamente ligadas.

Deixemos que esta humildade de Maria ilumine a nossa humanidade para que também a fé possa brotar em nós, para que, reconhecendo a nossa pequenez diante de Deus, não nos sintamos abandonados por sermos pequenos, não nos deixemos vencer pelas presunções, mas nos coloquemos ali, como Maria, com uma atitude de grande liberdade, com uma atitude de grande

disponibilidade, reconhecendo a nossa dependência de Deus, vivamos com Deus na simplicidade, mas ao mesmo tempo na grandeza. Assim, Maria nos exorta a cultivar uma fé serena e firme, capaz de superar as provações e confiar na promessa de Deus. Contemplemos a figura de Maria, humilde e fiel, para que também nós possamos dizer generosamente o nosso “sim”, como ela o fez.

E nós, somos capazes de acolher as suas promessas de amor com o olhar de uma criança?

Oração de um filho infiel

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna puro o meu coração.

Torna-me humilde, pequeno, capaz de perder-me no teu abraço de mãe.

Ajuda-me a redescobrir a importância do papel de filho e guia os meus passos.

Tu prometes, eu prometo, num pacto que só mãe e filho podem fazer.

Eu cairei, mãe, tu o sabes.

Nem sempre cumprirei as minhas promessas.

Nem sempre confiarei.

Nem sempre conseguirei te ver.

Mas tu, permanece presente, em silêncio, com o teu sorriso, os braços estendidos e as mãos abertas.

E eu pegarei o terço e rezarei contigo por todos os filhos como eu.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

2º Dia

Ser Filhos – Simplicidade e esperança

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Fátima

Os pequenos pastorinhos na Cova da Iria

Na Cova da Iria, por volta das 13h, o céu se abre e o sol aparece. De repente, por volta das 13h30, acontece o improvável: diante de uma multidão admirada, ocorre o milagre mais espetacular, grandioso e incrível já visto desde os tempos bíblicos. O sol inicia uma dança frenética e assustadora que durará mais de dez minutos. Um tempo longuíssimo.

Três pastorinhos, humildes e felizes, testemunham e espalham o milagre que abala milhões de pessoas. Ninguém consegue explicar, dos cientistas aos homens de fé. No entanto, três crianças viram Maria, ouviram a sua mensagem. E acreditam, acreditam nas palavras daquela mulher que apareceu e pediu-lhes para voltarem à Cova da Iria todo dia 13 do mês. Não precisam de explicações, pois depositam toda a sua esperança nas palavras repetidas de Maria. Uma esperança difícil de manter viva, que teria assustado qualquer criança: Nossa Senhora revela a Lúcia, Jacinta e Francisco sofrimentos e conflitos mundiais. Mas eles não têm dúvidas: quem confia na proteção de Maria, mãe protetora, pode enfrentar tudo. E sabem disso muito bem, sentiram na própria pele ao arriscar serem mortos para não trair a palavra dada à mãe celeste. Os três pastorinhos estavam prontos para o martírio, presos e ameaçados diante de um caldeirão de óleo fervente.

Tinham medo:

«Por que temos que morrer sem abraçar os nossos pais? Eu queria tanto ver a minha mãe».

Mesmo assim, decidiram continuar a ter esperança, a acreditar num amor maior do que eles:

«Não tenhais medo. Ofereçamos este sacrifício pela conversão dos pecadores. Pior seria se Nossa Senhora não voltasse mais».

«Por que não rezamos o Terço?».

Uma mãe jamais ignora o clamor dos filhos. E nela os filhos

depositam esperança.

Maria, Mãe que protege, permaneceu ao lado dos seus três filhos de Fátima e os salvou, fazendo com que permanecessem vivos. E hoje ainda protege todos os seus filhos no mundo que peregrinam até o santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Maria, Mãe que protege

Tu, que cuidas da humanidade desde o momento da Anunciação, continuas ao lado dos teus filhos mais humildes e cheios de esperança. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deposita a tua esperança em Maria: ela saberá proteger-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, esperança e renovação

A Bem-Aventurada Virgem Maria é a aurora da esperança, fonte inesgotável de renovação.

Contemplar a figura de Maria é como voltar o olhar para um horizonte luminoso, um convite constante a crer num futuro cheio de Graça. E esta Graça é transformadora. Maria é a personificação da esperança cristã em ação. A sua fé inabalável perante as provações, a sua perseverança em seguir Jesus até à cruz, a sua confiante expectativa da ressurreição são as coisas mais importantes. Para nós, são um farol de esperança para toda a humanidade.

Em Maria vemos como a certeza é, por assim dizer, a confirmação da promessa de um Deus que nunca falha em cumprir a sua palavra. Que a dor, o sofrimento, a escuridão não têm a última palavra. Que a morte é vencida pela vida.

Maria é a esperança! Ela é a estrela da manhã que anuncia a vinda do sol da justiça. Recorrer a Ela significa confiar as nossas expectativas, as nossas aspirações a um coração materno que as apresenta amorosamente ao seu Filho Ressuscitado. De alguma forma, a nossa esperança é sustentada pela esperança de Maria. E se há esperança, as coisas não permanecem como antes; há renovação! A renovação da vida. Ao acolher o Verbo

encarnado, Maria tornou possível crer na esperança e na promessa de Deus. Ela tornou possível uma nova criação, um novo começo.

A maternidade espiritual de Maria continua a nos gerar na fé, acompanhando-nos no nosso caminho de crescimento e transformação interior.

Peçamos à Santíssima Maria a graça necessária para que esta esperança que vemos realizada nela renove os nossos corações, cure as nossas feridas, faça-nos ultrapassar o véu da negatividade para empreender um caminho de santidade, um caminho de proximidade com Deus. Peçamos a Maria, a mulher que está com os apóstolos na oração, que nos ajude hoje, fiéis e comunidades cristãs, para que sejamos sustentados na fé e abertos aos dons do Espírito, para que a face da terra seja renovada. Maria nos exorta a nunca nos resignarmos ao pecado e à mediocridade, mas, cheios de esperança nela realizada, desejamos ardentemente uma nova vida em Cristo. Que Maria continue sendo para nós modelo e apoio para continuarmos sempre a acreditar na possibilidade de um novo começo, de um renascimento interior que nos conforme cada vez mais à imagem de seu filho Jesus.

E nós, somos capazes de confiar nela e nos deixarmos proteger com os olhos de uma criança?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração simples e cheio de esperança.

Eu confio em ti: protege-me em todas as situações.

Entrego-me a ti: protege-me em todas as situações.

Eu escuto a tua palavra: protege-me em toda as situações.

Dá-me a capacidade de crer no impossível e de fazer tudo o que está ao meu alcance

para levar o teu amor, a tua mensagem de esperança e a tua proteção ao mundo inteiro.

Peço-te, minha Mãe, protege toda a humanidade, mesmo aquela

que ainda não te reconhece.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

3º Dia

Ser Filho – Obediência e dedicação

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de Guadalupe

O jovem Juan Diego

«Juan Diego», disse a Senhora, «pequeno e preferido entre os meus filhos...». Juan ficou de pé num salto.

«Aonde vais, Juanito?», perguntou a Senhora.

Juan Diego respondeu com a maior educação possível. Disse à Senhora que ia à igreja de Santiago para assistir à Missa em honra à Mãe de Deus.

«Meu filho amado», disse a Senhora, «sou eu a Mãe de Deus, e quero que me escutes com atenção. Tenho uma mensagem muito importante para ti. Desejo que me construam uma igreja neste lugar, de onde poderei mostrar o meu amor ao teu povo».

Um diálogo doce, simples e terno, como o de uma mãe com seu filho. E Juan Diego obedeceu: foi até o bispo para relatar o que tinha visto, mas este não lhe deu crédito. Então, o jovem voltou até Maria e explicou-lhe o que tinha acontecido. Nossa Senhora deu-lhe outra mensagem e exortou-o a tentar novamente, de novo e de novo. Juan Diego obedecia, não se dava por vencido: cumpriria a tarefa que a Mãe celeste estava a confiar-lhe. Certo dia, porém, absorvido pelos problemas da vida, estava prestes a faltar ao encontro com Nossa Senhora: seu tio estava morrendo. **«Acreditas mesmo que eu me esqueceria de quem amo tanto?»** Maria curou o seu tio, enquanto Juan Diego obedecia mais uma vez:

«Meu amado filho», disse a Senhora, «sobe ao topo da colina onde nos encontramos pela primeira vez. Corta e colhe as rosas que lá encontrares. Coloque-as na tua tilma e traga-as até aqui. Eu lhe direi o que deves fazer e dizer». Mesmo sabendo que naquela colina não cresciam rosas, e certamente não no inverno, Juan correu até o topo. E lá estava o jardim mais lindo que já vira. Rosas de Castela, ainda brilhantes de orvalho, estendiam-se a perder de vista. Ele cortou delicadamente os botões mais bonitos com sua faca de pedra, encheu o seu manto com eles e voltou rapidamente até onde a Senhora o esperava. A Senhora pegou as rosas e as arrumou novamente na tilma de Juan. Depois, amarrou-a atrás do seu pescoço e disse: «Este é o sinal que o bispo quer. Rápido, vai até ele e não pares pelo caminho».

No manto aparecera a imagem de Nossa Senhora e, à vista de tal milagre, o bispo se convenceu. E hoje o Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe ainda conserva o manto milagroso.

Maria, Mãe que não se esquece

Tu, que não esqueces nenhum dos teus filhos, não deixas ninguém para trás, olhaste para os jovens que depositaram em ti as suas esperanças. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Obedece mesmo quando não compreendes: uma mãe não se esquece, uma mãe não abandona.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, maternidade e compaixão

A maternidade de Maria não se limita ao seu “sim” que tornou possível a encarnação do Filho de Deus. Certamente, aquele momento é o fundamento de tudo, mas a sua maternidade é uma atitude constante, um modo de ser para nós, de nos relacionarmos com toda a humanidade.

Na cruz, Jesus confia João a ela com as palavras: “Mulher, eis aí o teu filho”, estendendo simbolicamente a sua maternidade a

todos os fiéis de todos os tempos.

Maria torna-se assim a mãe da Igreja, a mãe espiritual de cada um de nós.

Vejamos, então, como esta maternidade se manifesta num cuidado terno e atencioso, numa atenção constante às necessidades dos seus filhos e num profundo desejo pelo seu bem. Maria acolhe-nos, nutre-nos com a sua expressão de fidelidade, protege-nos sob o seu manto. A maternidade de Maria é um dom imenso que nos aproxima dela; sentimos sua presença amorosa que nos acompanha a cada momento.

Portanto, a compaixão de Maria é a consequência natural da sua maternidade. Compaixão que não é somente um sentimento superficial de piedade, mas uma profunda participação na dor dos outros, um “sofrer com”. Vemo-la manifestada de forma tocante durante a paixão de seu filho. E da mesma forma que Maria não permanece indiferente à nossa dor, ela intercede por nós, nos consola, nos oferece sua ajuda maternal.

O coração de Maria se torna um refúgio seguro onde podemos depositar nossas fadigas, encontrar conforto e esperança. Maternidade e compaixão em Maria tornam-se, por assim dizer, dois lados da mesma experiência humana em nosso favor, duas expressões de seu infinito amor a Deus e à humanidade.

Sua compaixão é a manifestação concreta de seu ser mãe, compaixão como consequência da maternidade. Contemplar Maria, então, como mãe, abre nossos corações à esperança de que nela encontramos uma experiência verdadeiramente completa. Mãe Celeste que nos ama.

Pedimos a Maria que nos faça vê-la como modelo de humanidade autêntica, de uma maternidade capaz de “sentir com”, capaz de amar, capaz de sofrer com os outros, seguindo o exemplo do seu filho Jesus, que sofreu e morreu na cruz por nosso amor.

E nós, temos certeza de que uma mãe não se esquece, com a mesma certeza das crianças?

Oração de um filho perdido

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração obediente.

Quando não te escuto, peço-te, insiste.

Quando não retorno, peço-te, vem buscar-me.

Quando não me perdoo, peço-te, ensina-me a indulgência.

Porque nós homens nos perdemos e nos perderemos sempre,
mas tu não te esqueças de nós, teus filhos errantes.

Vem buscar-nos, vem pegar-nos pela mão.

Não queremos e não podemos ficar sozinhos aqui.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

4º Dia

Ser Filhos – Admiração e reflexão

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora de la Salette

Os pequenos Melânia e Maximino de La Salette

Sábado, 19 de setembro de 1846, os dois pastorinhos subiram logo cedo as encostas do monte Planeau, acima do vilarejo de La Salette, cada um levando quatro vacas para pastar. No meio do caminho, perto de uma pequena fonte, Melânia foi a primeira a ver, sobre um monte de pedras, um globo de fogo «como se o sol tivesse caído ali» e mostrou-o a Maximino. Daquela esfera luminosa começou a surgir uma mulher, sentada com a cabeça entre as mãos, os cotovelos sobre os joelhos, profundamente triste. Diante do espanto deles, a Senhora levantou-se e, com uma doce voz, em francês, disse-lhes: «Aproximai-vos, meus filhos, não tenhais medo, estou aqui para anunciar-vos uma grande notícia». Encorajados, os meninos se aproximaram e viram que a figura estava chorando.

A mãe anuncia uma grande notícia aos seus filhos, e o faz chorando. Mesmo assim, os meninos não estranham o seu choro. Escutam no mais terno dos momentos entre mãe e filhos. Porque as mães também às vezes se preocupam, porque as mães também confiam aos filhos os seus sentimentos, pensamentos e reflexões. E Maria confia aos dois pastorinhos, pobres e carentes de afeto, uma grande mensagem: «Estou preocupada com a humanidade, estou preocupada convosco, meus filhos, que estais se afastando de Deus. E a vida longe de Deus é uma vida complicada, difícil, feita de sofrimentos». É por isso que ela chora. Chora como qualquer mãe que anuncia aos seus filhos menores e mais puros uma mensagem tão surpreendente quanto grandiosa. Uma mensagem a ser anunciada a todos, a ser levada ao mundo.

E eles o farão, porque não podem guardar para si um momento tão belo: a expressão do amor da mãe pelos seus filhos precisa ser anunciada a todos. O Santuário de Nossa Senhora de La Salette, que se ergue no local das aparições, fundamenta-se na revelação da dor de Maria diante do peregrinar de seus filhos pecadores.

Maria, Mãe que anuncia/que narra

Tu, que te entregas completamente aos teus filhos, a ponto de não ter medo de lhes contar sobre ti, tocaste o coração dos teus menores filhos, capazes de refletir sobre as tuas palavras e acolhê-las com assombro. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Maravilha-te com as palavras de uma mãe: elas sempre serão as mais autênticas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, amor e misericórdia

Sentimos estas duas dimensões de Maria? Maria é a mulher com um coração transbordante de amor, cuidado e misericórdia. Sentimo-la como um porto seguro, um refúgio seguro quando atravessamos momentos de dificuldade ou de provação.

Contemplar a imagem de Maria é como mergulhar num oceano de ternura, de compaixão. Sentimo-nos envolvidos por um ambiente, por uma atmosfera inesgotável de conforto e esperança. O amor de Maria é um amor materno que abraça toda a humanidade, porque é um amor que tem as suas raízes no seu “sim” incondicional ao desígnio de Deus.

Maria, ao acolher o seu Filho no seu ventre, acolheu o amor de Deus. Consequentemente, o seu amor não conhece fronteiras nem distinções, inclina-se sobre as fragilidades e misérias humanas, com infinita delicadeza. Vemos este amor manifestado na sua atenção a Isabel, na sua intercessão nas bodas de Caná, na sua presença silenciosa e extraordinária aos pés da cruz. O amor de Maria, este amor materno, é um reflexo do próprio amor de Deus, um amor que se aproxima, que consola, que perdoa, que nunca se cansa, que nunca acaba. Maria nos ensina que amar significa entregar-se completamente, estar perto de quem sofre, compartilhar as alegrias e as tristezas dos nossos irmãos e irmãs com a mesma generosidade e a mesma dedicação que animavam o seu coração. Amor-misericórdia.

A misericórdia torna-se então a consequência natural do amor de Maria, uma compaixão, podemos dizer visceral, diante do sofrimento da humanidade, do mundo. Olhamos para Maria, contemplamo-la, encontramos-la com o seu olhar materno e sentimo-lo repousar sobre as nossas fraquezas, sobre os nossos pecados, sobre a nossa vulnerabilidade, sem agressividade, mas com infinita doçura. Ela tem um coração imaculado, sensível ao grito de dor.

Maria é uma mãe que não julga, não condena, mas acolhe, consola, perdoa. Sentimos a misericórdia de Maria como um bálsamo para as feridas da alma, um abraço que aquece o coração. Maria nos lembra que Deus é rico em misericórdia e que Ele nunca se cansa de perdoar aqueles que se voltam para Ele com um coração contrito, sereno, aberto e disponível.

O amor e a misericórdia em Maria Santíssima se fundem em um abraço que envolve toda a humanidade. Peçamos a Maria que nos

ajude a abrir nossos corações ao amor de Deus, como ela fez, para que esse amor permeie nossos corações, especialmente quando nos sentimos mais necessitados, mais sob o peso das provações e das dificuldades. Em Maria, encontramos uma mãe muito terna e poderosa, pronta para nos acolher em seu amor e interceder por nossa salvação.

E nós, será que ainda conseguimos maravilhar-nos como uma criança diante do amor de mãe?

Oração de um filho distante

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de compaixão e conversão.

No silêncio, eu te reencontro.

Na oração, eu te escuto.

Na reflexão, eu te descubro.

E diante das tuas palavras de amor, Mãe, fico admirado e descubro a força da tua ligação com a humanidade.

Longe de ti, quem me dá a mão nos momentos de dificuldade?

Longe de ti, quem me conforta no meu pranto?

Longe de ti, quem me aconselha quando estou pegando o caminho errado?

Eu retorno a ti, na unidade.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

5º Dia

Ser Filhos – Confiança e oração

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

A medalha de Catarina

A pequena Catarina Labouré

Na noite de 18 de julho de 1830, por volta das 23h30, ela

ouviu chamarem o seu nome. Era um menino que lhe dizia: «Levanta-te e vem comigo». Catarina seguiu-o. Todas as luzes estavam acesas. A porta da capela abriu-se assim que o menino a tocou com a ponta dos dedos. Catarina ajoelhou-se.

À meia-noite, Nossa Senhora chegou, sentou-se na poltrona que havia ao lado do altar. «Então, pulei para perto dela, aos seus pés, nos degraus do altar, e coloquei minhas mãos sobre seus joelhos», contou Catarina. «Fiquei assim não sei por quanto tempo. Pareceu-me o momento mais doce da minha vida...». «Deus quer confiar-lhe uma missão», disse a Virgem a Catarina.

Catarina, órfã aos 9 anos, não se conformava em viver sem a mãe. E aproxima-se da Mãe do Céu. Nossa Senhora, que a observava de longe, jamais a abandonaria. Pelo contrário, tinha grandes projetos para ela. Ela, uma filha atenta e amorosa, teria uma grande missão: viver uma vida cristã autêntica, uma relação pessoal forte e sólido com Deus. Maria acredita no potencial da sua filha e confia-lhe a Medalha Milagrosa, capaz de interceder e alcançar graças e milagres. Uma missão importante, uma mensagem difícil.

Contudo, Catarina não desanima, confia em sua Mãezinha do Céu e sabe que jamais será abandonará por ela.

Maria, Mãe que dá confiança

Tu, que confias nos teus filhos e lhes entregas missões e mensagens,

acompanha-os no seu caminho com uma presença discreta, permanecendo ao lado de todos, mas sobretudo daqueles que viveram grandes dores.

A eles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Confia: a mãe sempre te confiará apenas tarefas que conseguirás realizar e estará ao teu lado por todo o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, confiança e oração

A Bem-Aventurada Virgem Maria se apresenta a nós como uma

mulher de uma confiança inabalável, uma poderosa intercessora através da oração. Contemplando esses dois aspectos, confiança e oração, vemos duas dimensões fundamentais do relacionamento de Maria com Deus.

Podemos dizer que a confiança de Maria em Deus é como um fio de ouro que percorre toda a sua existência, do começo ao fim. Aquele “sim” pronunciado com a consciência das consequências, é um ato de abandono total à vontade divina. Maria confia; Maria vive a confiança em Deus com um coração firme na Divina Providência, sabendo que Deus nunca a abandonaria.

Para nós, em nossa vida quotidiana, olhar para Maria, com uma atitude proativa, não passiva, e confiante, é um convite, não para esquecer nossas ansiedades e medos, para olhar tudo à luz do amor de Deus, que no caso de Maria nunca faltou e não falta em nossas vidas. Essa confiança leva à oração, que podemos dizer que é como o sopro da alma de Maria, é o canal privilegiado de sua comunhão íntima com Deus. A confiança leva à comunhão; Maria que se abandona em Deus é um diálogo contínuo de amor entre ela e o Pai; uma oferta constante de si mesma, de suas preocupações, mas também de suas decisões.

A visita de Maria à sua prima Isabel é um exemplo de oração que se faz serviço. Vemos Maria acompanhando Jesus até a cruz. Após a ascensão, a vemos no cenáculo junto aos apóstolos em uma expectativa/esperança fervorosa. Maria nos ensina o valor da oração constante como consequência da confiança total e completa, abandonando-se nas mãos de Deus ... precisamente encontrar a Deus e viver com Deus.

Confiança e oração e Maria Santíssima estão intimamente interligadas. Uma profunda confiança em Deus que dá à luz, traz à tona uma oração perseverante. Peçamos a Maria que ela seja nosso exemplo de oração diária porque queremos nos sentir constantemente abandonados nas mãos misericordiosas de Deus.

Recorramos a ela com confiança filial para que, imitando-a,

imitando sua confiança e perseverança na oração, possamos experimentar a paz que se sente somente quando nos abandonamos em Deus e possamos receber as graças necessárias para o nosso caminho de fé.

E nós, somos capazes de confiar de maneira incondicional como as crianças?

Oração de um filho desanimado

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de orar.

Não sou capaz de te escutar, abre os meus ouvidos.

Não sou capaz de te seguir, guia os meus passos.

Não sou capaz de ser fiel ao que me confiaste, fortalece a minha alma.

As tentações são muitas, faze que eu não ceda.

As dificuldades parecem insuperáveis, faze que eu não caia.

As contradições do mundo gritam alto, faze que eu não as siga.

Eu, teu filho arruinado, estou aqui para que te sirvas de mim, fazendo de mim um filho obediente.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

6º Dia

Ser Filhos – Sofrimento e cura

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se deixa ver.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora das dores de Kibeho

A pequena Afonsina Mumiremana e o seus companheiros

A história começou às 12h35 de um sábado, 28 de novembro de 1981, em um colégio administrado por freiras locais, frequentado por pouco mais de cem meninas da região.

Um colégio rural, pobre, onde se aprendia a ser professora ou

secretária.

O complexo não possuía Capela e, por isso, não havia um clima religioso particularmente intenso.

Naquele dia, todas as meninas do colégio estavam no refeitório.

A primeira do grupo a “ver” foi Afonsina Mumureke, de 16 anos. Segundo o que ela mesma escreveu em seu diário, estava servindo suas colegas à mesa, quando ouviu uma voz feminina que a chamava: “Minha filha, vem aqui”.

Ela foi ao corredor, ao lado do refeitório, e ali apareceu-lhe uma mulher de beleza incomparável.

Estava vestida de branco, com um véu branco na cabeça que escondia os cabelos, e que parecia unido ao resto do vestido, que não tinha costuras.

Estava descalça e suas mãos estavam juntas sobre o peito, com os dedos voltados para o céu.

Posteriormente, Nossa Senhora apareceu a outros companheiros de Afonsina que, a princípio céticos, tiveram que mudar de opinião diante da aparição de Maria. Maria, falando com Afonsina, apresenta-se como a Senhora das Dores de Kibeho e conta aos jovens todos os acontecimentos cruéis e sangrentos que ocorreriam logo em seguida, com a eclosão da guerra em Ruanda. **A dor será grande, mas também a consolação e a cura dessa dor, porque ela, a Senhora das Dores, nunca deixaria sozinhos os seus filhos da África.** Os jovens ficam ali, atônitos, diante das visões, mas acreditam nesta mãe que lhes estende os braços, chamando-os de “meus filhos”. Sabem que somente nela haverá consolação. E a fim de rezar para que a mãe consoladora aliviasse os sofrimentos de seus filhos, foi erguido o santuário dedicado a Nossa Senhora das Dores de Kibeho, hoje um lugar marcado pelos extermínios e genocídios. E Nossa Senhora continua a estar ali e a abraçar todos os seus filhos.

Maria, Mãe que consola

Tu, que consolaste os teus filhos como João ao pé da cruz,

dirigiste o olhar para aqueles que vivem no sofrimento. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Não tenhas medo de passar pelo sofrimento: a mãe que consola enxugará as tuas lágrimas.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, sofrimento e convite à conversão

Maria é uma figura emblemática de sofrimento que se transforma em um poderoso convite à conversão. Quando contemplamos o seu caminho doloroso, é um alerta, silencioso e ao mesmo tempo eloquente, e um profundo apelo a rever um pouco a nossa vida, as nossas escolhas, e o chamado a retornar ao “coração” do Evangelho. O sofrimento atravessa a vida de Maria como uma espada afiada, profetizado pelo velho Simeão, marcado pelo desaparecimento do Menino Jesus e a dor indizível aos pés da cruz. Maria vive tudo isso, o peso da fragilidade humana e o mistério da dor inocente, de uma forma única.

O sofrimento de Maria não foi um sofrimento estéril, uma resignação passiva, mas de alguma forma percebemos que há uma ação frutuosa, uma oferta silenciosa e corajosa, unida ao sacrifício redentor do seu filho Jesus.

Quando olhamos para Maria, a mulher que sofre, com os olhos da nossa fé, esse sofrimento ao invés de nos deprimir, revela-nos a profundidade do amor de Deus por nós. Maria, de alguma forma, nos ensina que mesmo na dor mais aguda podemos encontrar um sentido, uma possibilidade de crescimento espiritual, que se dá com a união ao Mistério Pascal.

Da experiência da dor transfigurada, emerge um poderoso convite à conversão. Olhando e contemplando como Maria suportou o sofrimento por amor a nós e por nossa salvação, também nós somos chamados a não permanecermos indiferentes diante do mistério da redenção.

Maria, a mulher doce e materna nos impele a abandonar os

caminhos do mal e abraçar o caminho da fé. A famosa frase de Maria nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser” ainda ressoa para nós hoje como um convite urgente a ouvir a voz de Jesus nos momentos de dificuldade, nos momentos de provação, nos momentos de situações inesperadas e desconhecidas.

Percebemos facilmente que o sofrimento de Maria não é um fim em si mesmo, mas está intimamente ligado à redenção realizada por Cristo. Que o seu exemplo de fé inabalável, mesmo na dor, seja para nós luz e guia para transformar o nosso sofrimento em oportunidade de crescimento espiritual e responder com generosidade ao urgente chamado à conversão. Que pela intercessão de Maria, o chamado de Deus que ressoa no mais profundo do coração de cada ser humano possa encontrar sentido, vazão, crescimento, mesmo nos momentos mais difíceis e mais dolorosos.

E nós, deixamo-nos consolar como as crianças?

Oração de um filho que sofre

Maria, tu que te revelas a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de se curar.

Quando estou no chão, mãe, estende-me a mão.

Quando me sinto destruído, mãe, junta os pedaços.

Quando o sofrimento toma conta, mãe, abre-me à esperança.

Para que eu não busque apenas a cura do corpo, mas perceba o quanto o meu coração

precisa de paz.

E do pó levanta-me, mãe.

Levanta-me e todos os teus filhos que estão em provação.

Os que estão sob as bombas,

os perseguidos,

os injustamente encarcerados,

os feridos em seus direitos e dignidade,

aqueles cujas vidas são ceifadas cedo demais.

Levanta-os e consola-os

porque são teus filhos. Porque somos teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

7º Dia

Ser Filhos – Justiça e dignidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa Senhora Aparecida

Os pequenos pescadores Domingos, Filipe e João

Ao amanhecer de 12 de outubro de 1717, Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves empurraram o barco às águas do rio Paraíba que corria perto da sua aldeia. Não pareciam ter sorte naquela manhã: lançaram as redes por horas, sem nada pescar. Tinham quase decidido desistir, quando João Alves, o mais jovem, quis fazer uma última tentativa. Lançou então a rede nas águas do rio e puxou-a lentamente. Havia algo, mas não era um peixe... parecia mais um pedaço de madeira. Quando o libertou das malhas da rede, o pedaço de madeira revelou-se como uma estátua da Virgem Maria, infelizmente sem a cabeça. João lançou novamente a rede na água e desta vez, ao puxá-la, encontrou preso outro pedaço de madeira de forma arredondada que parecia ser a cabeça da mesma estátua: tentou juntar as duas peças e percebeu que se encaixavam perfeitamente. Como obedecendo a um impulso, João Alves lançou novamente a rede na água e, quando tentou puxá-la, viu que não conseguia, porque estava cheia de peixes. Os seus companheiros também lançaram as redes na água e a pesca daquele dia foi verdadeiramente abundante.

A mãe vê as necessidades dos filhos; Maria viu as necessidades dos três pescadores e foi em socorro deles. Os filhos deram-lhe todo o amor e a dignidade que se pode dar a uma mãe:

juntaram os dois pedaços da estátua, colocaram-na numa cabana e fizeram dela um santuário. Do alto da cabana, Nossa Senhora Aparecida – que quer dizer aquela que apareceu – salvou um filho seu, um escravo que fugia dos patrões: viu o seu sofrimento e devolveu-lhe a dignidade. E hoje, aquela cabana é o maior santuário mariano do mundo e traz o nome de Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Maria, Mãe que vê

Tu, que viste o sofrimento dos teus filhos maltratados, a começar pelos discípulos, te colocaste ao lado dos teus filhos mais pobres e perseguidos. Foi deles que te aproximaste, foi a eles que te manifestaste.

Não te escondas do olhar da mãe: ela enxerga até os teus desejos e necessidades mais secretos.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, dignidade e justiça social

A Bem-Aventurada Virgem Maria é um espelho da dignidade humana plenamente realizada, silenciosa, mas poderosa e inspiradora para um correto sentido da experiência social. Refletir sobre a figura de Maria em relação a esses temas revela uma perspectiva profunda e surpreendentemente atual.

Olhemos para Maria, a mulher plena de dignidade, como um dom que, para nós hoje, nos ajuda a olhar para a sua pureza original, que não a coloca num pedestal inacessível, mas a revela na plenitude daquela dignidade pela qual todos nos sentimos um pouco atraídos, chamados.

Contemplando Maria, vemos brilhar a beleza e a nobreza precisamente da dignidade do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, livre do jugo do pecado, plenamente aberto ao amor divino, uma humanidade que não se perde nos detalhes, nas coisas superficiais.

Podemos dizer que o “sim” livre e consciente de Maria é aquele

gesto de autodeterminação que a eleva ao nível da vontade de Deus, que entra de alguma forma na lógica de Deus. Sua humildade a torna ainda mais livre, longe de ser diminuída pela humildade. A humildade de Maria se torna a consciência da verdadeira grandeza que vem de Deus.

Essa dignidade de Maria nos ajuda a olhar como nós estamos vivendo a nossa dignidade no cotidiano. O tema da justiça social pode parecer menos explícito, mas a partir de uma leitura contemplativa e atenta do Evangelho, especialmente do Magnificat, somos capazes de captar, sentir e encontrar aquele espírito revolucionário que proclama a derrubada dos poderosos de seus tronos e a elevação dos humildes, isto é, a derrubada da lógica mundana e a atenção privilegiada de Deus para com os pobres e os famintos.

Palavras que fluem de um coração humilde, cheio do Espírito Santo. Podemos dizer que são um manifesto de justiça social “ante litteram”, uma antecipação do Reino de Deus, onde os últimos serão os primeiros.

Contemplemos Maria para que nos sintamos atraídos por esta dignidade que não se limita a fechar-se em si mesma, mas é uma dignidade que no Magnificat nos desafia a não permanecer fechados na nossa lógica, mas a abrir-nos, louvando a Deus, procurando viver o dom recebido para o bem da humanidade, com dignidade para o bem dos pobres, para o bem daqueles que são os descartados da sociedade.

E nós, nos escondemos ou dizemos tudo, como fazem as crianças?

Oração de um filho que tem medo

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

torna o meu coração capaz de restituir dignidade.

Na hora da provação, olha para as minhas falhas e preenche-as.

Na hora do cansaço, olha para as minhas fraquezas e cura-as.

Na hora da espera, olha para as minhas impaciências e cuida delas.

Para que eu, olhando para os meus irmãos, possa olhar para as suas falhas e preenchê-las, ver as suas fraquezas e curá-las, sentir as suas impaciências e cuidar delas.

Porque nada cura como o amor e ninguém é forte como a mãe que busca justiça para seus filhos.

Então, também eu, Mãe, detenho-me aos pés da cabana, olho com olhos confiantes para a tua imagem e peço-te pela dignidade de todos os teus filhos.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

8º Dia

Ser Filhos – Doçura e quotidianidade

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Nossa senhora de Banneaux

A pequena Marieta de Banneaux

No dia 18 de janeiro, Marieta está no jardim, rezando o terço. Maria aparece e leva-a até uma pequena nascente à beira da floresta, dizendo: «Esta nascente é minha», e convida a menina a mergulhar a mão e o terço na água. O pai e mais duas pessoas acompanharam, com indescritível espanto, todos os gestos e palavras de Marieta. Naquela mesma noite, o primeiro a ser tocado pela graça de Banneaux foi justamente o pai de Marieta, que correu para se confessar e receber a Eucaristia: ele não se confessava desde a Primeira Comunhão.

No dia 19 de janeiro, Marieta pergunta: «Senhora, quem és?». «Sou a Virgem dos pobres».

À nascente, acrescenta: «Esta nascente é minha, para todas as nações, para os doentes. Venho consolá-los!».

Marieta é uma garota comum que vive os seus dias como todos

nós, como os nossos filhos, os nossos netos. A sua vila é pequena e desconhecida. Ela reza para permanecer próxima de Deus. Reza para a sua mãe celeste manter viva a sua ligação com ela. **E Maria fala-lhe com doçura, num lugar que lhe é familiar.** Aparecerá para ela várias vezes, a ela confiará segredos e dirá para rezar pela conversão do mundo: para Marieta, essa é uma mensagem forte de esperança. Todos os filhos são abraçados e consolados pela Mãe, toda a doçura que Marieta encontra na “Senhora gentil” ela transmite ao mundo. E desse encontro nasce uma grande corrente de amor e espiritualidade que encontra o seu cumprimento no santuário de Nossa Senhora de Banneaux.

Maria, Mãe que permanece ao lado

Tu, que permaneceste ao lado dos teus filhos, sem nunca perder nenhum deles, iluminaste o caminho de todos os dias dos mais humildes. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Abandonados no abraço de Maria: não temas, ela vai consolar-te.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, educação e amor

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma mestra de educação incomparável, porque é uma fonte inesgotável de amor e quem ama educa; educa verdadeiramente quem ama.

Refletindo sobre a figura de Maria em relação a esses dois pilares do crescimento humano e espiritual, temos aqui um exemplo a contemplar, a levar a sério, a adotar em nossas escolhas diárias.

A educação que emana de Maria não se faz de preceitos, de ensinamentos formais, mas se manifesta através de seu exemplo de vida. Um silêncio contemplativo que fala; sua obediência à vontade de Deus, humilde e grande ao mesmo tempo; sua profunda humanidade.

O primeiro aspecto educativo que Maria nos comunica é o da

escuta.

Escuta da Palavra de Deus, escuta daquele Deus que está continuamente presente para nos ajudar, para nos acompanhar. Maria guarda em seu coração, medita com cuidado, promove a escuta atenta da Palavra de Deus e, da mesma forma, das necessidades dos outros. Maria nos educa àquela humildade que não escolhe permanecer distante e passiva, mas sim para aquela humildade que, ao mesmo tempo em que reconhecemos nossa pequenez diante da grandeza de Deus, nos colocamos como protagonistas a seu serviço. Nosso coração está aberto para sermos verdadeiramente aqueles que acompanhamos, vivemos o projeto que Deus tem para nós.

Maria é um exemplo que nos ajuda a nos deixarmos educar pela fé; ela nos educa para a perseverança, permanecendo firmes no amor a Jesus, até o pé da cruz.

Educação e amor. O amor de Maria é o coração pulsante de sua existência, continua sendo para nós; cada vez que nos aproximamos de Maria sentimos esse amor materno que se estende a todos nós. É um amor por Jesus que se torna amor pela humanidade. O coração de Maria que se abre com aquela ternura infinita que ela recebe de Deus, que ela comunica a Jesus, aos seus filhos espirituais.

Peçamos ao Senhor que, contemplando o amor de Maria, que é um amor que educa, sejamos impelidos a superar o nosso egoísmo, os nossos fechamentos e a abrir-nos aos outros. Em Maria, vemos uma mulher que educa com amor e que ama com um amor que é educativo. Peçamos ao Senhor que nos dê o dom de um amor, que é o dom do Seu amor, que por sua vez é um amor que nos purifica, nos sustenta, nos faz crescer, para que o nosso exemplo seja verdadeiramente um exemplo que comunica amor e, comunicando amor, possamos deixar-nos educar por ela e que ela nos ajude, para que o nosso exemplo também eduque os outros.

E nós, somos capazes de nos entregar como fazem as crianças?

Oração de um filho dos nossos dias

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...
torna o meu coração manso e dócil.
Quem vai reconstruir-me, depois de quebrar-me sob o peso das
cruzes que carrego?
Quem vai trazer luz aos meus olhos, depois de ver os escombros
da crueldade humana?
Quem vai aliviar o sofrimento da minha alma, depois dos erros
que cometi no meu caminho?
Só tu, minha mãe, podes consolar-me.
Abraça-me e permanece comigo para evitar que eu me quebre em
mil pedaços.
Minha alma descansa em ti e encontra paz como uma criança nos
braços da mãe.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

9º Dia

Ser Filhos – Construção e sonho

Os filhos confiam, os filhos entregam-se. E uma mãe está
sempre por perto. Tu a vês mesmo quando ela não se mostra.

E nós, somos capazes de vê-la?

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Maria Auxiliadora

O pequeno Joãozinho Bosco

Quando eu tinha 9 anos, tive um sonho que ficou profundamente gravado na minha mente para toda a vida. No sonho, parecia estar perto de casa, em um pátio muito espaçoso, onde uma multidão de crianças estava reunida, brincando. Algumas riam, outras jogavam, e não poucas blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfêmias, imediatamente me lancei no meio delas, usando golpes e palavras para fazê-las calar. Naquele momento, apareceu um homem venerando, de idade viril, vestido nobremente.

– Não com golpes, mas com mansidão e caridade deves conquistar esses teus amigos.

- *Quem és tu, perguntei, que me ordenas algo impossível?*
- *Justamente porque essas coisas te parecem impossíveis, deves torná-las possíveis com obediência e com a aquisição da ciência.*
- *Onde, e por quais meios, poderei adquirir a ciência?*
- *Eu te darei a mestra sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se torna tolice.*
- Naquele momento, vi ao lado dele uma mulher de aspecto majestoso, vestida com um manto que brilhava por todos os lados, como se cada ponto dele fosse uma estrela muito brilhante.*
- *Eis o teu campo, eis onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto: e o que agora vêes acontecer com esses animais, tu deverás fazer pelos meus filhos.*
- Então voltei o olhar e, em vez de animais ferozes, apareceram muitos cordeiros mansos, que, pulando, corriam ao redor balindo, como para festejar aquele homem e aquela senhora. Nesse ponto, ainda no sonho, comecei a chorar e pedi para que falasse de modo que eu pudesse entender, pois eu não sabia o que aquilo queria significar. Então ela colocou a mão sobre minha cabeça dizendo:*
- *A seu tempo, tudo compreenderás.*

Maria guia e acompanha Joãozinho Bosco ao longo da sua vida e missão. Ele, ainda criança, descobre a sua vocação através de um sonho. Não entenderá, mas se deixará guiar. Não compreenderá por muitos anos, mas no final estará consciente de que “foi ela que tudo fez” E a mãe, tanto a terrena quanto a celeste, será a figura central na vida desse filho que se fará pão para os seus filhos. E, depois de encontrar Maria em seus sonhos, João Bosco, já sacerdote, erguerá um santuário a Nossa Senhora para que todos os seus filhos possam entregar-se a ela. Será dedicado a Maria Auxiliadora, porque ela foi o seu porto seguro, a sua ajuda constante. Assim, todos que entram na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim são acolhidos sob o manto protetor de Maria, que se torna sua guia.

Maria, Mãe que acompanha / que guia

Tu, que acompanhaste o teu filho Jesus em todo o seu caminho, te propuseste como guia para aqueles que souberam ouvir-te com o entusiasmo que só as crianças sabem ter. Deles te aproximaste, a eles te manifestaste.

Deixe-se acompanhar: a Mãe estará sempre ao teu lado para indicar-te o caminho.

Intervenção do Reitor-Mor

Maria Santíssima, auxílio na conversão

A Bem-Aventurada Virgem Maria é uma ajuda poderosa e silenciosa em nossa jornada de crescimento.

É uma jornada que precisa se libertar continuamente daquilo que a impede de crescer. É uma jornada que deve se renovar continuamente, não para retroceder ou se deter em cantos escuros de sua existência. Eis aí a conversão.

A presença de Maria é um farol de esperança, é um convite constante para continuarmos caminhando em direção a Deus, para ajudar nosso coração a estar continuamente focado em Deus, em Seu amor. Refletir sobre Maria, sobre seu papel, significa descobrir uma Maria que não impõe, que não julga, mas que apoia e encoraja, com sua humildade, com seu amor materno; ajuda nosso coração a permanecer próximo dela para nos aproximarmos cada vez mais de seu filho Jesus, que é o caminho, a verdade e a vida.

Este “sim” de Maria na anunciação continua válido também para nós, que abre à humanidade a história da salvação que é alcançável e acessível. Sua intercessão nas Bodas de Caná ampara aqueles que se encontram em situações inesperadas, inéditas. Maria é um modelo de conversão contínua. Sua vida, uma vida de Imaculada, foi, no entanto, uma adesão progressiva à vontade de Deus, um caminho de fé que a conduziu por alegrias e tristezas, culminando no sacrifício do Calvário.

A perseverança de Maria em seguir Jesus torna-se um convite

para nós, para que também possamos experimentar essa proximidade contínua, essa transformação interior, que sabemos bem ser um processo gradual, mas que requer perseverança, humildade e confiança na graça de Deus.

Maria auxilia na conversão por meio de uma escuta muito atenta e focada da Palavra de Deus. Uma escuta que nos ajuda a encontrar a força para abandonar os caminhos do pecado, porque reconhecemos a força, a beleza de caminhar em direção a Deus. Dirijamo-nos a Maria com confiança filial, porque isso significa que nós, ao mesmo tempo que reconhecemos nossas fragilidades, nossos pecados, nossos defeitos, queremos fomentar esses desejos de mudança. Uma mudança de coração que quer ser acompanhada pelo coração materno de Maria. Em Maria encontramos essa preciosa ajuda para discernir as falsas promessas do mundo e redescobrir a beleza e a verdade do Evangelho. Que Maria, auxílio dos cristãos, seja para todos nós uma ajuda contínua para descobrir a beleza do Evangelho, para aceitar caminhar em direção à bondade e à grandeza da Palavra de Deus viva nos corações e para poder comunicá-la aos outros.

E nós, somos capazes de deixar-nos pegar pela mão como as crianças?

Oração de um filho entorpecido

Maria, tu que te mostras a quem sabe ver...

faz com que o meu coração seja capaz de sonhar e construir.

Eu, que não deixo ninguém me ajudar.

Eu, que desanimo, perco a paciência e nunca acredito ter construído algo.

Eu, que sempre penso ser um fracasso.

Hoje quero ser filho, aquele filho capaz de te dar a mão, minha Mãe,

para ser acompanhado pelos caminhos da vida.

Mostra-me meu campo,

mostra-me meu sonho

e faz com que, no final, eu também possa compreender tudo e reconhecer a tua passagem pela minha vida.

Ave Maria...

Bem-aventurado quem vê com o coração.

Ainda é necessário confessar-se?

O Sacramento da Confissão, frequentemente negligenciado na agitação contemporânea, continua sendo para a Igreja Católica uma fonte insubstituível de graça e renovação interior. Convidamos a redescobrir seu significado original: não um rito formal, mas um encontro pessoal com a misericórdia de Deus, instituído pelo próprio Cristo e confiado ao ministério da Igreja. Em uma época que relativiza o pecado, a Confissão se revela como bússola para a consciência, remédio para a alma e porta aberta para a paz do coração.

O Sacramento da Confissão: uma necessidade para a alma

Na tradição católica, o Sacramento da Confissão – também chamado Sacramento da Reconciliação ou da Penitência – ocupa um lugar central no caminho da fé. Não se trata de um simples ato formal ou de uma prática reservada a poucos fiéis particularmente devotos, mas de uma necessidade profunda que envolve todo cristão, chamado a viver na graça de Deus. Num tempo que tende a relativizar a noção de pecado, redescobrir a beleza e a força libertadora da Confissão é fundamental para responder plenamente ao amor de Deus.

O próprio Jesus Cristo instituiu o Sacramento da Confissão. Após sua Ressurreição, Ele apareceu aos Apóstolos e disse:

“Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos” (Jo 20,22-23). Essas palavras não são simbólicas: estabelecem um poder real e concreto confiado aos Apóstolos e, por sucessão, aos seus sucessores, os bispos e presbíteros.

O perdão dos pecados, portanto, não acontece apenas entre o homem e Deus de forma privada, mas também passa pelo ministério da Igreja. Deus, em seu plano de salvação, quis que a confissão pessoal diante de um sacerdote fosse o meio ordinário para receber Seu perdão.

A realidade do pecado

Para compreender a necessidade da Confissão, é preciso primeiro tomar consciência da realidade do pecado.

São Paulo afirma: “Todos pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). E: “Se dissermos que não temos pecado, estamos enganando a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1Jo 1,8).

Ninguém pode se dizer imune ao pecado, nem mesmo após o Batismo, que nos purificou da culpa original. Nossa natureza humana, ferida pela concupiscência, nos leva continuamente a cair, a trair o amor de Deus com atos, palavras, omissões e pensamentos.

Escreve Santo Agostinho: “É verdade: a natureza do homem foi criada originalmente sem culpa e sem nenhum vício; ao contrário, a natureza atual do homem, pela qual cada um nasce de Adão, já precisa do Médico, porque não está saudável. Certamente, todos os bens que têm em sua estrutura, na vida, nos sentidos e na mente, os recebe do sumo Deus, seu criador e artífice. O vício, porém, que obscurece e enfraquece esses bens naturais, tornando a natureza humana necessitada de iluminação e cuidado, não o tirou de seu irrepreensível artífice, mas do pecado original cometido com o livre arbítrio.” (*A natureza e a graça*).

Negar a existência do pecado equivale a negar a verdade sobre nós mesmos. Só reconhecendo nossa necessidade de perdão

podemos nos abrir à misericórdia de Deus, que nunca se cansa de nos chamar para Si.

A Confissão: encontro com a Misericórdia Divina

O Sacramento da Confissão é, antes de tudo, um encontro pessoal com a Misericórdia divina. Não é simplesmente uma autoacusação ou uma sessão de autoanálise; é um ato de amor por parte de Deus que, como o pai na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), corre ao encontro do filho arrependido, o abraça e o reveste de nova dignidade.

O Catecismo da Igreja Católica afirma: *“Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando, e a qual colabora para sua conversão com caridade, exemplo e orações.”* (CIC, 1422).

Confessar-se é deixar-se amar, curar e renovar. É acolher o dom de um coração novo.

Por que confessar-se a um sacerdote?

Uma das objeções mais comuns é: “Por que devo confessar-me a um sacerdote? Não posso confessar-me diretamente a Deus?” Certamente, todo fiel pode – e deve – dirigir-se diretamente a Deus com a oração de arrependimento. Contudo, Jesus estabeleceu um meio concreto, visível e sacramental para o perdão: a confissão a um ministro ordenado. E isso vale para todo cristão, ou seja, também para sacerdotes, bispos e papas.

O sacerdote age *in persona Christi*, isto é, na pessoa de Cristo mesmo. Ele escuta, julga, absolve e oferece conselhos espirituais. Não se trata de uma mediação humana que limita o amor de Deus, mas de uma garantia oferecida pelo próprio Cristo: o perdão é comunicado visivelmente, e o fiel pode ter certeza disso.

Além disso, confessar-se diante de um sacerdote exige humildade, uma virtude indispensável para o crescimento

espiritual. Reconhecer abertamente suas culpas nos liberta do jugo do orgulho e nos abre à verdadeira liberdade dos filhos de Deus.

Não basta confessar-se apenas uma vez por ano, como exige o mínimo da lei eclesial. Os santos e mestres de espiritualidade sempre recomendaram a confissão frequente – até quinzenal ou semanal – como meio de progresso na vida cristã.

São João Paulo II se confessava toda semana. Santa Teresa de Lisieux, embora fosse monja carmelita e vivesse em clausura, confessava-se regularmente. A confissão frequente permite afinar a consciência, corrigir defeitos enraizados e receber novas graças.

Obstáculos à confissão

Infelizmente, muitos fiéis hoje negligenciam o Sacramento da Reconciliação. Entre os principais motivos estão:

Vergonha: medo do julgamento do sacerdote. Mas o sacerdote não está ali para condenar, e sim para ser instrumento de misericórdia.

Medo de que os pecados confessados venham a ser divulgados: os sacerdotes confessores não podem revelar a ninguém, em nenhuma circunstância (incluindo as maiores autoridades eclesial), os pecados ouvidos na confissão, nem mesmo que percam a própria vida. Se o fizerem, incorrem imediatamente na *excomunhão latae sententiae* – isto é, automática, por força da própria lei – (cânion 1386, Código de Direito Canônico). A inviolabilidade do sigilo sacramental não admite exceções nem dispensas. E as condições são as mesmas mesmo que a Confissão não tenha terminado com a absolvição sacramental. Mesmo após a morte do penitente, o confessor é obrigado a observar o sigilo sacramental.

Falta de sentido do pecado: em uma cultura que minimiza o mal, corre-se o risco de não reconhecer mais a gravidade das

próprias culpas.

Preguiça espiritual: adiar a Confissão é uma tentação comum que leva a esfriar o relacionamento com Deus.

Convicções teológicas erradas: alguns acreditam erroneamente que basta “arrepender-se no coração” sem necessidade da Confissão sacramental.

O desespero da salvação: alguns pensam que para eles não haverá mais perdão. Diz Santo Agostinho: “Alguns, depois de caírem no pecado, se perdem ainda mais pelo desespero e não só negligenciam o remédio do arrependimento, mas se tornam escravos de luxúrias e desejos desregrados para satisfazer apetites desonestos e reprováveis, como se, ao não o fazer, perdessem até aquilo a que a luxúria os incita, convencidos de já estarem à beira da condenação certa. Contra essa doença extremamente perigosa e prejudicial, ajuda a lembrança dos pecados em que caíram também os justos e os santos.” (*ibid.*)

Para superar esses obstáculos, é preciso pedir conselhos a quem pode dá-los, instruir-se e rezar.

Preparar-se bem para a confissão

Uma boa confissão requer uma preparação adequada, que inclui:

- 1. Exame de consciência***: refletir sinceramente sobre os próprios pecados, ajudando-se também com listas baseadas nos Dez Mandamentos, nos pecados capitais ou nas Bem-aventuranças.
- 2. Contrição***: dor sincera por ter ofendido a Deus, não apenas medo da punição.
- 3. Propósito de emendar-se***: desejo real de mudar de vida, de evitar o pecado futuro.
- 4. Confissão integral dos pecados***: confessar todos os pecados mortais de forma completa, especificando a natureza e o número (se possível).

5. Penitência: aceitar e cumprir a obra reparadora proposta pelo confessor.

Os efeitos da Confissão

Confessar-se não produz apenas o cancelamento externo do pecado. Os efeitos interiores são profundos e transformadores:

Reconciliação com Deus: O pecado rompe a comunhão com Deus; a Confissão a restabelece, trazendo-nos de volta à plena amizade divina.

Paz e serenidade interior: Receber a absolvição traz uma paz profunda. A consciência é libertada do peso da culpa e experimenta uma nova alegria.

Força espiritual: Por meio da graça sacramental, o penitente recebe uma força especial para combater as tentações futuras e crescer nas virtudes.

Reconciliação com a Igreja: Como todo pecado também prejudica o Corpo Místico de Cristo, a Confissão recompõe também nosso vínculo com a comunidade eclesial.

A vitalidade espiritual da Igreja depende também da renovação pessoal de seus membros. Os cristãos que redescobrem o Sacramento da Confissão tornam-se, quase sem perceber, mais abertos ao próximo, mais missionários, mais capazes de irradiar a luz do Evangelho no mundo.

Só quem experimentou o perdão de Deus pode anunciá-lo com convicção aos outros.

O Sacramento da Confissão é um dom imenso e insubstituível. É o caminho ordinário pelo qual o cristão pode voltar a Deus sempre que se afasta. Não é um peso, mas um privilégio; não uma humilhação, mas uma libertação.

Somos chamados, portanto, a redescobrir este Sacramento em sua verdade e beleza, a praticá-lo com coração aberto e confiante, e a oferecê-lo com alegria também àqueles que se afastaram.

Como afirma o salmista: “Feliz aquele cuja culpa foi cancelada e cujo pecado foi perdoado” (Sl 32,1).

Hoje, mais do que nunca, o mundo precisa de almas purificadas e reconciliadas, capazes de testemunhar que a misericórdia de Deus é mais forte que o pecado. Se não o fizemos na Páscoa, aproveitemos o mês mariano de maio e aproximemo-nos sem medo da Confissão: lá nos espera o sorriso de um Pai que nunca deixa de nos amar.

Habemus Papam (Temos Papa) : Leão XIV

*Em 8 de maio de 2025, memória da Bem-Aventurada Virgem do Rosário de Pompeia, foi eleito o **Cardeal Robert Francis Prevost** (69 anos) como **267º Pontífice**. É o primeiro Papa nascido nos Estados Unidos e escolheu o nome de **Leão XIV**.*

Apresentamos seu perfil biográfico essencial

Nascimento: 14 de setembro de 1955, Chicago (Illinois, EUA)

Família: Louis Marius Prevost (de origem francesa e italiana) e Mildred Martínez (de origem espanhola); irmãos Louis Martín e John Joseph

Idiomas: inglês, espanhol, italiano, português e francês; lê latim e alemão

Apelido no Peru: “*Latin Yankee*” – síntese de sua dupla alma cultural

Cidadania: estadunidense e peruana

Formação

– Seminário menor agostiniano (1973)

- Licenciatura em Ciências Matemáticas, Villanova University (1977)
- Mestrado em Teologia, Catholic Theological Union, Chicago (1982)
- Licenciatura em Direito Canônico, Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino – Angelicum (1984)
- Doutorado em Direito Canônico, Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino – Angelicum (1987), com a tese: “O papel do prior local da Ordem de Santo Agostinho”
- Profissão religiosa: noviciado de Saint Louis da província de Nossa Senhora do Bom Conselho da Ordem de Santo Agostinho (1977)
- Votos solenes (29.08.1981)
- Ordenação sacerdotal: 19.06.1982, Roma (pelo arcebispo Jean Jadot)

Ministério e principais cargos

- 1985-1986: Missionário em Chulucanas, Piura (Peru)
- 1987: Diretor vocacional e diretor das missões da Província Agostiniana “Madre del Buon Consiglio” de Olympia Fields, em Illinois (EUA)
- 1988: Enviado à missão de Trujillo (Peru) como diretor do projeto de formação comum dos aspirantes agostinianos dos Vicariatos de Chulucanas, Iquitos e Apurímac
- 1988-1992: Diretor da comunidade
- 1992-1998: Professor dos professos
- 1989-1998: Vigário judicial na Arquidiocese de Trujillo, professor de Direito Canônico, Patrística e Moral no Seminário Maior “San Carlos e San Marcelo”
- 1999: Prior provincial da Província ‘Madre del Buon Consiglio’ (Chicago)
- 2001-2013: Prior Geral dos Agostinianos por dois mandatos (cerca de 2700 religiosos em 50 países)
- 2013: Professor dos professos e vigário provincial na sua Província (Chicago)
- 2014: Administrador apostólico da Diocese de Chiclayo e bispo titular de Sufar, Peru (nomeação episcopal em 03.11.2014)

2014: Consagração episcopal, na festa de Nossa Senhora de Guadalupe (12.12.2014)
2015: nomeado bispo de Chiclayo (26.09.2015)
2018: 2º vice-presidente da Conferência Episcopal do Peru (08.03.2018 – 30.01.2023)
2020: Administrador apostólico de Callao, Peru (15.04.2020 – 17.04.2021)
2023: Arcebispo “ad personam” [título honorífico dado pelo Papa, mesmo sem autoridade sobre uma Arquidiocese] (30.01.2023 – 30.09.2023)
2023: Prefeito do Dicastério para os Bispos (30.01.2023 [12.04.2023] – 09.05.2025)
2023: Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (30.01.2023 [12.04.2023] – 09.05.2025)
2023: Criado cardeal diácono, titular de Santa Mônica dos Agostinianos (30.09.2023 [28.01.2024] – 06.02.2025)
2025: Promovido a Cardeal bispo da diocese suburbana de Albano (06.02.2025 – 08.05.2025)
2025: Eleito Sumo Pontífice (08.05.2025)

Serviço na Cúria Romana

Foi membro dos dicastérios para a Evangelização, Seção para a Primeira Evangelização e as Novas Igrejas Particulares; para a Doutrina da Fé; para as Igrejas Orientais; para o Clero; para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; para a Cultura e a Educação; para os Textos Legislativos, e da Pontifícia Comissão para o Estado da Cidade do Vaticano

Que o Espírito Santo ilumine o seu ministério, como fez com o grande Santo Agostinho.

Rezemos por um pontificado fecundo e rico de esperança!

Eleição do 266º sucessor de São Pedro

Cada morte ou renúncia de um Pontífice abre uma das fases mais delicadas da vida da Igreja Católica: a eleição do Sucessor de São Pedro. Embora o último conclave tenha ocorrido em março de 2013, quando Jorge Mario Bergoglio se tornou o Papa Francisco, compreender como se elege um Papa continua fundamental para entender o funcionamento de uma instituição milenar que influencia mais de 1,3 bilhão de fiéis e – indiretamente – a geopolítica mundial.

1. A sede vacante

Tudo começa com a **sede vacante**, ou seja, o período entre a morte (ou renúncia) do Pontífice reinante e a eleição do novo. A Constituição apostólica *Universi Dominici Gregis*, promulgada por João Paulo II em 22 de fevereiro de 1996 e atualizada por Bento XVI em 2007 e 2013, estabelece procedimentos detalhados.

Verificação da vacância

Em caso de falecimento: o Cardeal Camerlengo – atualmente o Cardeal Kevin Farrell – constata oficialmente a morte, fecha e sela o apartamento pontifício, e notifica o evento ao Cardeal Decano do Colégio Cardinalício.

Em caso de renúncia: a sede vacante começa no horário indicado no ato de renúncia, como ocorreu às 20h do dia 28 de fevereiro de 2013 para Bento XVI.

Administração ordinária

Durante a sede vacante, o Camerlengo governa materialmente o patrimônio da Santa Sé, mas não pode realizar atos que competem exclusivamente ao Pontífice (nomeações episcopais, decisões doutrinárias, etc.).

Congregações gerais e particulares

Todos os cardeais – eleitores e não eleitores – presentes em

Roma se reúne na Sala do Sínodo para discutir questões urgentes. As “particulares” incluem o Camerlengo e três cardeais sorteados por rodízio; as “gerais” convocam todo o corpo cardinalício e são usadas, entre outras coisas, para definir a data de início do conclave.

2. Quem pode eleger e quem pode ser eleito

Os eleitores

Desde o Motu proprio *Ingravescentem aetatem* (1970) de Paulo VI, **somente os cardeais que não tenham completado 80 anos antes do início da sede vacante têm direito a voto**. O número máximo de eleitores é fixado em 120, mas pode ser temporariamente ultrapassado devido a consistórios próximos.

Os eleitores devem:

- estar presentes em Roma antes do início do conclave (salvo motivos graves);
- prestar juramento de segredo;
- hospedar-se na *Domus Sanctae Marthae* (Casa Santa Marta, *n.d.r*), a residência criada por João Paulo II para garantir dignidade e discrição.

O isolamento não é um capricho medieval: visa proteger a liberdade de consciência dos cardeais e resguardar a Igreja de interferências indevidas. Quebrar o segredo implica excomunhão automática.

Os elegíveis

Em teoria, **qualquer batizado do sexo masculino** pode ser eleito Papa, pois o ofício petrino é de direito divino. No entanto, desde a Idade Média até hoje, o Papa sempre foi escolhido entre os cardeais. Caso seja escolhido um não cardeal ou até mesmo um leigo, ele deverá receber imediatamente a ordenação episcopal.

3. O conclave: etimologia, logística e simbolismo

O termo “conclave” deriva do latim *cum clave*, “com chave”: os cardeais são “trancados” até a eleição, para evitar pressões externas. O isolamento é garantido por algumas regras:

- Locais permitidos: Capela Sistina (votações), *Domus Sanctae Marthae* (hospedagem), um percurso reservado entre os dois edifícios.
- Proibição de comunicação: aparelhos eletrônicos entregues, bloqueio de sinais, controle antiespionagem.
- Sigilo assegurado também por um juramento que prevê sanções espirituais (excomunhão *latae sententiae*) e canônicas.

4. Ordem do dia típica do conclave

1. Missa "*Pro eligendo Pontifice*" na Basílica de São Pedro na manhã do ingresso no conclave.
2. Procissão na Sistina recitando o *Veni Creator Spiritus*.
3. Juramento individual dos cardeais, pronunciado diante do Evangelário.
4. *Extra omnes!* ("Fora todos!"): o Mestre das Celebrações Litúrgicas Pontifícias despede os não autorizados.
5. Primeira votação (opcional) na tarde do dia de ingresso.
6. Duas votações diárias (manhã e tarde) com, ao final, a apuração.

5. Procedimento da votação

Cada rodada segue quatro momentos:

- 5.1. *Praescrutinium*.** Distribuição e preenchimento, em latim, da cédula "*Eligo in Summum Pontificem...*".
- 5.2. *Scrutinium*.** Cada cardeal, levando a cédula dobrada, pronuncia: "*Testor Christum Dominum...*". Deposita a cédula na urna.
- 5.3. *Post-scrutinium*.** Três escrutinadores sorteados contam as cédulas, leem em voz alta cada nome, registram e perfuram a cédula com agulha e linha.
- 5.4. *Queima*.** Cédulas e anotações são queimadas em um forno especial; a cor da fumaça indica o resultado.
Para ser eleito é necessária a maioria qualificada, ou seja, dois terços dos votos válidos.

6. A fumaça: preta, espera; branca, alegria

Desde 2005, para tornar o sinal inequívoco aos fiéis na Praça de São Pedro, é adicionado um reagente químico:

- Fumaça preta (*fumata negra*): nenhum eleito.
- Fumaça branca (*fumata branca*): Papa eleito; também tocam os sinos.

Após a fumaça branca, levará mais 30 minutos a uma hora até que o novo Papa seja anunciado pelo Cardeal Diácono na Praça de São Pedro. Pouco depois (de 5 a 15 minutos), o novo Papa aparecerá para conceder a bênção *Urbi et Orbi*.

7. “*Acceptasne electionem?*” – Aceitação e nome pontifício

Quando alguém alcança a maioria necessária, o Cardeal Decano (ou o mais velho por ordem e antiguidade jurídica, se o Decano for o eleito) pergunta: «*Acceptasne electionem de te canonice factam in Summum Pontificem?*» (Aceita a eleição?). Se o eleito concordar – *Accepto!* – é perguntado: «*Quo nomine vis vocari?*» (Com que nome quer ser chamado?). A escolha do nome é um ato carregado de significados teológicos e pastorais: remete a modelos (Francisco de Assis) ou intenções reformadoras (João XXIII).

8. Ritos imediatamente seguintes

8.1 *Vestição*.

8.2 *Entrada na Capela do Choro*, onde o novo Papa pode se recolher.

8.3 *Obedientia*: os cardeais eleitores desfilam para o primeiro ato de obediência.

8.4 *Anúncio ao mundo*: o cardeal Protodiácono aparece na *Loggia* (balcão, *n.d.r.*) central, com o famoso «*Annuntio vobis gaudium magnum: habemus Papam!*».

8.5 *Primeira bênção “Urbi et Orbi”* do novo Pontífice.

A partir desse momento, ele assume o cargo e inicia formalmente seu pontificado, enquanto a coroação com o pálio petrino e o anel do Pescador ocorre na Missa de inauguração (geralmente no domingo seguinte).

9. Alguns aspectos históricos e desenvolvimento das normas

Séculos I–III. Aclamação do clero e do povo romano. Na ausência de uma normativa estável, a influência imperial era

forte.

1059 – *In nomine Domini*. Colégio cardinalício. Nicolau II limita a intervenção leiga; nascimento oficial do conclave.

1274 – *Ubi Periculum*. Clausura obrigatória. Gregório X reduz as manobras políticas, introduz o confinamento.

1621-1622 – Gregório XV. Escrutínio secreto sistemático. Aperfeiçoamento das cédulas; exigência dos dois terços.

1970 – Paulo VI. Limite de idade de 80 anos. Reduz o eleitorado, favorecendo decisões mais rápidas.

1996 – João Paulo II. *Universi Dominici Gregis*. Codificação moderna do processo, introduz a *Domus Sanctae Marthae*.

10. Alguns dados concretos deste Conclave

Cardeais vivos: 252 (idade média: 78,0 anos).

Cardeais votantes: 134 (135). O Cardeal Antonio Cañizares Llovera, Arcebispo emérito de Valência, Espanha, e o Cardeal John Njue, Arcebispo emérito de Nairóbi, Quênia, comunicaram que não poderão participar do conclave.

Dos 135 cardeais votantes, 108 (80%) foram nomeados pelo Papa Francisco. 22 (16%) foram nomeados pelo Papa Bento XVI. Os restantes 5 (4%) foram nomeados pelo Papa São João Paulo II.

Dos 135 cardeais votantes, 25 participaram como eleitores no Conclave de 2013.

Idade média dos 134 cardeais eleitores participantes: 70,3 anos.

Anos médios de serviço como cardeal dos 134 cardeais eleitores participantes: 7,1 anos.

Duração média de um papado: cerca de 7,5 anos.

Início do Conclave: 16h30 de 7 de maio, na Capela Sistina.

Cardeais votantes no Conclave: 134. Número de votos necessários para eleição é 2/3, ou seja, 89 votos.

Horário das votações: 4 sessões por dia (2 pela manhã, 2 à tarde).

Após 3 dias completos (a definir), a votação é suspensa por um dia inteiro (“para permitir uma pausa de oração, uma discussão informal entre os eleitores e uma breve exortação

espiritual”).

Seguem-se outras 7 votações e outra pausa de até um dia inteiro.

Seguem-se outras 7 votações e outra pausa de até um dia inteiro.

Seguem-se outras 7 votações e então uma pausa para avaliar como proceder.

11. Dinâmicas “internas” não escritas

Mesmo dentro do rígido quadro jurídico, a escolha do Papa é um processo espiritual, mas também humano, influenciado por:

– Perfis dos candidatos (“papáveis”): origem geográfica, experiências pastorais, competências doutrinárias.

– Correntes eclesiais: curial ou pastoral, reformista ou conservadora, sensibilidades litúrgicas.

– Agenda global: relações ecumênicas, diálogo inter-religioso, crises sociais (migrantes, mudança climática).

– Línguas e redes pessoais: os cardeais tendem a se reunir por regiões (grupo dos “latino-americanos”, “africanos”, etc.) e a se encontrar informalmente durante refeições ou “passeios” nos jardins do Vaticano.

Um evento espiritual e institucional ao mesmo tempo

A eleição de um Papa não é um procedimento técnico comparável a uma assembleia societária. Apesar da dimensão humana, é um **ato espiritual guiado essencialmente pelo Espírito Santo**.

O cuidado com normas minuciosas – desde o selo das portas da Sistina até a queima das cédulas – mostra como a Igreja transformou sua longa experiência histórica em um sistema hoje percebido como estável e solene. Saber como se escolhe um Papa, portanto, não é apenas curiosidade: é compreender a dinâmica entre autoridade, colegialidade e tradição que sustenta a mais antiga instituição religiosa ainda em funcionamento em escala mundial. E, em uma época de mudanças vertiginosas, aquela “fumacinha” que sobe do telhado da Sistina continua a lembrar que decisões seculares ainda podem falar ao coração de bilhões de pessoas, dentro e fora da

Igreja.

Que esse conhecimento dos dados e procedimentos nos ajude a orar mais profundamente, como se deve orar antes de toda decisão importante que afeta nossa vida.

A nova Sede Central dos Salesianos. Roma, Sagrado Coração

Hoje, a vocação original da casa do Sagrado Coração vê um novo início. Tradição e inovação continuam a caracterizar o passado, o presente e o futuro desta obra tão significativa.

Quantas vezes Dom Bosco desejou vir a Roma para abrir uma casa salesiana. Desde a primeira viagem, em 1858, o seu objetivo era estar presente na Cidade Eterna com uma presença educativa. Veio a Roma por vinte vezes e somente na última viagem, em 1887, conseguiu realizar seu sonho abrindo a casa do Sagrado Coração, no “Castro Pretorio”.

A Obra salesiana está localizada no bairro “Esquilino”, nascido em 1875, após a abertura da “brecha de Porta Pia” e a exigência dos Savoia de construir, na nova capital, os ministérios do Reino da Itália. O bairro, também chamado “Umbertino”, é de arquitetura piemontesa, e todas as ruas tem o nome de batalhas ou eventos ligados ao estado sabauda. Não podia faltar neste lugar, que remete a Turim, um Templo, que fosse também paróquia, construído por um piemontês, o P. João Bosco. O nome da igreja não foi escolhido por Dom Bosco, mas era o desejo do Papa Leão XIII para relançar a devoção, mais atual do que nunca, ao Coração de Jesus.

Hoje, a casa do Sagrado Coração está completamente renovada

para responder às exigências da Sede Central dos Salesianos. Desde o momento de sua fundação até hoje a casa passou por diversas transformações. A Obra nasce como Paróquia e Templo Internacional para a difusão da devoção ao Sagrado Coração, e desde o seu início Dom Bosco tinha o claro objetivo de construir ao lado um Abrigo para hospedar até 500 jovens pobres. O P. Rua concluiu a Obra e abriu oficinas para artesãos (escola de artes e ofícios). Nos anos seguintes foram abertas a escola de Ensino Fundamental e o Ensino Médio clássico. Por alguns anos foi também a sede da Universidade do "*Pontificio Ateneo Salesiano*" e uma casa de formação para os salesianos que estudavam nas universidades romanas, mas que também se dedicavam à escola e ao oratório (entre estes estudantes está "Don Quadrio"). Foi também a sede da Inspeção Romana e, a partir de 2008, da Circunscrição da Itália Central. Desde 2017, uma vez deixada a casa de "*via della Pisana*", tornou-se a Sede Central dos Salesianos. Em 2022 se iniciou sua reforma para adequar os ambientes à função de casa do Reitor-Mor. Nesta casa viveram ou passaram: Dom Bosco, o P. Rua, o cardeal Cagliero (o seu apartamento era no primeiro andar de "*via Marsala*"), Zeferino Namuncurá, Dom Versiglia, Artêmides Zatti, todos os Reitores-Mores que sucederam Dom Bosco, São João Paulo II, Santa Teresa de Calcutá, o Papa Francisco. Entre os diretores da casa está D. Giuseppe Cognata: durante o seu reitorado, foi colocada em 1930 a estátua do Sagrado Coração no campanário.

Graças ao Sagrado Coração o carisma salesiano se difundiu em vários bairros de Roma; todas as outras presenças salesianas de Roma, de fato, eram uma ramificação desta casa: "*Testaccio*", "*Pio XI*", "*Borgo Ragazzi Don Bosco*", "*Don Bosco Cinecittà*", "*Gerini*", "*Università Pontificia Salesiana*".

Lugar de acolhida

Desde o seu início, os traços característicos da Casa do Sagrado Coração são dois:

1) a *catolicidade*, pois abrir uma casa em Roma sempre significou para os fundadores das ordens religiosas uma

proximidade ao Papa e uma ampliação dos horizontes em nível universal. Na primeira conferência aos Salesianos Cooperadores, no mosteiro romano de "*Tor De' Specchi*", em 1874, Dom Bosco afirmou que os salesianos se espalhariam por todo o mundo e ajudar suas obras significava viver o mais autêntico espírito de catolicidade;

2) *a atenção aos jovens pobres*: a localização vizinha à estação, lugar de chegadas e partidas, onde sempre se reuniram os mais pobres, está presente na história do Sagrado Coração. No início, o Abrigo hospedava os jovens pobres para lhes ensinar um ofício, sucessivamente o oratório acolhia os jovens do bairro; após a guerra, os engraxates (jovens que lustravam os sapatos das pessoas que saíam da estação) foram acolhidos e cuidados, primeiro nesta casa e depois foram transferidos para o "*Borgo Ragazzi Don Bosco*"; na metade dos anos 80, com a primeira imigração na Itália, jovens imigrantes foram hospedados em colaboração com a nascente *Caritas*; nos anos 90, um Centro Diurno acolhia jovens em alternativa à prisão e lhes ensinava os fundamentos da leitura e da escrita, e também um ofício; desde 2009 um projeto de integração entre jovens refugiados e jovens italianos viu florescer tantas iniciativas de acolhimento e de evangelização. A Casa do Sagrado Coração por cerca de 30 anos foi, também, sede do Centro Nacional das Obras Salesianas da Itália.

O novo início

Hoje, a vocação original da casa do Sagrado Coração vê um novo início. Tradição e inovação continuam a caracterizar o passado, o presente e o futuro desta obra tão significativa. Em primeiro lugar, a presença do Reitor-Mor com seu conselho e dos salesianos que se ocupam da dimensão mundial da Congregação indica a continuidade da catolicidade. Uma vocação à acolhida de tantos salesianos provenientes de todo o mundo e que encontram no Sagrado Coração um lugar para se sentirem em casa, experimentarem a fraternidade, encontrarem-se com o sucessor de Dom Bosco. Ao mesmo tempo, é o lugar no qual o Reitor-Mor anima e governa a Congregação, traçando as linhas

para ser fiéis a Dom Bosco hoje.

Em segundo lugar, a presença de um significativo lugar salesiano onde Dom Bosco escreveu a “Carta de Roma” e onde compreendeu o sonho dos nove anos. Dentro da casa haverá o “Museu Casa Dom Bosco de Roma”, que em três andares contará a presença de Dom Bosco na Cidade Eterna. A centralidade da educação como “coisa do coração” em seu Sistema Preventivo, a relação com os Papas que amaram Dom Bosco e que ele, em primeiro lugar, amou e serviu, o Sagrado Coração como lugar de expansão do carisma em todo o mundo, o fatigante percurso de aprovação das Constituições Salesianas, a compreensão do sonho dos nove anos e seu último suspiro educativo ao escrever a “Carta de Roma” são os elementos temáticos que, em formato multimídia imersivo, serão contados àqueles que visitarem o museu.

Em terceiro lugar, a devoção ao Sagrado Coração representa o centro do carisma. Dom Bosco, antes mesmo de receber o convite para construir a igreja do Sagrado Coração, havia orientado os jovens para esta devoção. No livro “O jovem instruído” existem orações e práticas de piedade dirigidas ao Coração de Cristo. Mas depois que aceitou a proposta de Leão XIII, Dom Bosco se torna um verdadeiro apóstolo do Sagrado Coração. Não poupa suas forças para procurar dinheiro para a construção da igreja. O cuidado dos mínimos detalhes infunde nas escolhas arquitetônicas e artísticas da Basílica o seu pensamento e a sua devoção ao Sagrado Coração. Para financiar a construção da igreja e da casa, ele funda a **Pia Obra do Sagrado Coração de Jesus**, a última das cinco fundações realizadas por Dom Bosco ao longo de sua vida, junto com os Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora, os Salesianos Cooperadores e a Associação de Maria Auxiliadora. **A Pia Obra foi criada para a celebração perpétua de seis missas diárias na igreja do Sagrado Coração de Roma.** Dela fazem parte todas as pessoas inscritas, vivas e falecidas, através da oração e das boas obras feitas pelos Salesianos e pelos jovens em todas as suas casas.

A visão de Igreja que deriva da fundação da Pia Obra é a de um “corpo vivo” composto por fiéis vivos e falecidos em comunhão

entre si através do Sacrifício de Jesus, renovado quotidianamente na celebração eucarística a serviço dos jovens mais pobres. O desejo do Coração de Jesus é que todos sejam uma coisa só (*ut unum sint*) como Ele e o Pai. A Pia Obra conecta, através da oração e das ofertas, os benfeitores vivos e falecidos, os Salesianos de todo o mundo e os jovens que vivem no Sagrado Coração. Somente através da comunhão, que tem sua fonte na Eucaristia, os benfeitores, os Salesianos e os jovens podem contribuir para construir a Igreja, para fazer resplandecer o seu rosto missionário. A Pia Obra tem, ainda, a tarefa de promover, difundir e aprofundar a devoção ao Sagrado Coração em todo o mundo, adaptando-a aos tempos e ao sentir da Igreja.

A estação central para evangelizar

Finalmente, a atenção aos jovens pobres se manifesta na vontade missionária de alcançar os jovens de toda Roma através do Centro Juvenil aberto na “*via Marsala*”, bem na saída da estação “*Termini*”, onde a cada dia passam cerca de 300.000 pessoas. Um lugar que seja casa para os tantos jovens italianos e estrangeiros que visitam ou vivem em Roma e têm sede, nem sempre se dando conta, de Deus. Além do mais, desde sempre ao redor da estação “*Termini*” se aglomera muita gente pobre, marcada pelo cansaço da vida. Uma outra porta também aberta na “*via Marsala*”, além daquelas do Centro Juvenil e da Basílica, expressa o desejo de responder às necessidades dessas pessoas com o Coração de Cristo: nelas também resplandece a glória de seu rosto.

A profecia de Dom Bosco sobre a Casa do Sagrado Coração, de 5 de abril de 1880, acompanha e guia a realização do que aqui foi dito:

Mas Dom Bosco mirava longe. Nosso Dom João Marengo lembrava uma misteriosa palavra dele que o tempo não deve deixar cair no esquecimento. No mesmo dia em que aceitou a pesadíssima oferta, o Beato perguntou-lhe:

– Sabe por que aceitamos a casa de Roma?

– *Eu não, respondeu Marengo.*

– *Pois então, preste atenção. Nós a aceitamos porque, quando o Papa for aquele que agora não é, e como deve ser, colocaremos na nossa casa a estação central para evangelizar o campo romano. Será trabalho não menos importante do que esse de evangelizar a Patagonia. Então, os salesianos serão conhecidos e sua glória resplandecerá. (MB XIV, 480-481).*

dom Francesco Marcoccio